

DE PÉ
DIANTE DE OUTROS
poemas e cantares longos
para serem lidos e ouvidos
ao som de voz vento e viola



Carlos
Rodrigues
Brandão

Escrito nas Nuvens



As únicas coisas eternas são as nuvens.

Mario Quintana

Desde os “Anos Sessenta” até quase agora alguns livros meus foram publicados por diferentes editoras aqui do Brasil e algumas da América Latina.

Seis décadas em que eu vivi a ventura de ver vários livros meus sendo publicados “em papel”. Agora os tempos são outros e também os recursos de leitura.

Resolvi então que a maior parte dos escritos recentes de meus “anos do outono” deverá ser “atirados entre as nuvens”, de modo a que de uma forma livre e gratuita quem os queira ver ou ler tenha acesso a eles. Lembro aqui o site: onde boa parte do que escrevi ao longo da vida pode ser livre e solidariamente acessado www.apartilhadavida.com.br.

***APRENDER COM VIDA, DIALOGAR
COM A VIDA
ENSINAR PELA VIDA
Cantorio para voz, vento, viola e violino
em três movimentos***

*A matéria atingiu o ponto
em que começa a se conhecer.
O homem é a maneira
de uma estrela saber sobre as estrelas.
George Wald*

*Uma árvore cai com um grande estrondo.
Mas ninguém escuta a floresta crescer.
Provérbio do Senegal.*

***Primeiro movimento
no meio da noite, alguns gestos e estrelas***

1.

Como teria sido uma noite vivida já sob o olhar dos seres humanos.
e sentida e pensada entre os seus primeiros símbolos e saberes
mas uma noite ainda anterior às palavras que juntas dizem idéias?
Uma noite sem data, esquecida no passar de um tempo sem horas
quando um nosso primeiro ancestral ainda peludo, mas já de pé
terá descansado sobre os ombros de um menino o terno peso do braço,
e entre movimentos das mãos e do olhar
terá desenhado no ar alguns gestos,
e sem nada dizer terá ensinado ao menino
o lugar de uma estrela nos céus.
Como terão sido os desenhos daqueles gestos ainda sem a voz
e, no entanto, já tão humanamente sábios e proféticos?
Gestos primitivos do saber e da partilha do que se sabe
na noite em que sob a proteção do vagar dos astros
o homem velho e o menino depois adormeceram sob uma árvore
sem imaginar que haviam criado ali o milagre de aprender-e-ensinar,
para que o saber não morra, nem as pessoas, e nem as estrelas?

2.

Como terá acontecido em uma outra noite posterior,
mas há milênios também apagada de todas as memórias
quando um outro homem, já senhor das palavras
terá aconchegado ao redor do fogo aceso ao seu lado
uma mulher e um menino de seu bando, de sua tribo
E levantando ao alto dois dedos da mão direita
terá apontado uma estrela entre as muitas do céu de um julho
E com a voz pausada e rouca pelos anos terá pronunciado
pela primeira vez um seu primeiro nome?
Que pássaros acordados na noite e que outros seres da selva,
e que brancas flores noturnas, dessas em que só o perfume
já torna tão cheio de mistérios o mundo e a vida
terão assistido, uma vez e outra, separadas por milênios de anos
aqueles instantes fugazes da história, quando, primeiro um gesto
e, depois, uma pioneira palavra terão semeado no mundo
a aventura de inventar o dom com que nós, os seres humanos
desde então em diante nos acostumamos a viver?
Gestos de trocas entre as teias, as redes e as tramas
do tecidos de símbolos, saberes e sentidos
vividos através de uma estranha gramática de gestos
de uma vida tornada afinal através de quem somos
a consciência que pensa, e se pensa pensando
e sente o que pensa e pensa o que sente
e sentindo e pensando fala a si e ao outro
na aventura da troca e da partilha do sentimento e do saber.
Os primeiros gestos do coração, do corpo e da mente
que milênios mais tarde entre línguas de muitos povos e culturas
ganharam o nome que em nossa língua
aprendemos a chamar: educação.

3.

Entre gestos de saber e de amor, entre momentos de conflito e paz
com movimentos com as mãos, sussurros e balanços do olhar
alguns murmúrios de palavras e as primeiras breves frases
a pequena semente do que veio a ser a educação
lançou as primeiras pequenas raízes no solo da cultura
e depois estendeu-se de muitos modos e entre muitas línguas
por toda nossa Nave-Casa-Terra, onde havia então alguém como nós.

Curiosos seres que aprendem para ensinar e ensinam para aprender.
E a educação fez morada entre os povos do deserto
da savana e da floresta.

Ali, onde houvesse uma mínima parcela de seres humanos
de quem somos herdeiros na teia da vida,
entre pais e filhos, entre mães e filhas, em um bando alegre de crianças,
entre os anciãos do conselho, os xamãs da tribo,
as velhas parteiras de mãos sábias, os que nomeavam as estrelas,
os construtores de canoas, as tecedeiras de panos
os semeadores de grãos,
os domadores de cabras e cavalos, os decifradores de sonhos,
os criadores de cantos, de preces, os errantes inventores da poesia,
os primeiros sábios de um povo, os mestres do silêncio e da palavra
foram eles aqueles que diante dos que os ouviam e falavam.
E entre eles e nós um mesmo ardor de compartilhar o que se sente e sabe
nos faz lembrar, ao longo das eras e ao largo da Terra,
que não somos humanos porque somos seres racionais.
Somos quem somos porque, diferentes dos outros seres vivos
com quem partilhamos um mesmo planeta azul e errante,
nós, os humanos, somos os seres sempre aprendentes.
Mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e velhos
que vivem no saber aprender, no aprender a saber
e no partilhar o que se aprende e sabe, a sua maior aventura.
Uma lição sem fim, porque praticada por seres sempre inacabáveis.

4.

E de distantes longos dias até hoje,
entre guerra e paz, entre o acordo e a desavença,
os seres que somos descobriram que de pouco valem
o sentir e o saber, o pensar e o buscar para tudo um sentido,
se não existir entre as pessoas que se reúnem ao redor do fogo
na trilha de uma estrada, sob a sombra de uma árvore
sobre a esteira de uma choça ou sob o teto de uma sala
o desejo coletivo de transformar no dom gratuito da troca
tudo aquilo que entre os símbolos, os gestos e as palavras
aprendemos a criar, a compartilhar, a trocar, a partilhar.

Assim como nós nos tornamos quem somos
porque aprendemos a repartir entre homens e mulheres
a carne da caça e o peixe, a semente, a fruta e o pão,
assim também aprendemos a entretecer entre todos
os mistérios dos gestos das mãos e da voz
através dos quais a filha aprende com a mãe
os segredos do amassar a farinha e assar a massa no forno,
tal como a mãe que agora ensina aprendeu com a avó um dia.
E ao longo dos tempos os homens e as mulheres que ensinavam
souberam apalavrar a informação, o conhecimento e o saber.
E como a carne ou o pão compartilhavam um outro alimento,
aquele que nutre o corpo do espírito
ao ensinar algo esquecido a quem não sabe, e lembra.

5.

Vivendo juntos a vida coletiva entre a natureza e a aldeia,
os homens do mundo antes de nós aprenderam
alguma coisa mais do que as lições que o mundo e a vida ensinam.
E com os mais diferentes nomes uma mesma educação
um dia semeada antes das palavras navegou com eles
a sua viagem ao longo de perguntas e respostas sem fim.
Uma difícil viagem de um ir a horizontes sempre além
por entre trilhas entre rumos sempre incertos,
porque a verdadeira educação
é uma aventura com começos previsíveis
e por entre os rumos incertos e inesperados
que o aprender inventa a cada instante
e o ensinar nem sempre decifra.
Uma aventura cheia de certezas e de esperanças,
mas também de medos e recuos, e de tropeços e imprevistos
em meio a horas claras e outras horas sombrias.
Uma viagem com o impreciso mapa de incertas teorias
entre intuições sábias que os poderes do mundo silenciam.

Pois cedo quem ensina e aprende descobriu
que quem educa entre a palavra, lousa e o livro
guarda em sua fala e no diálogo que a educação inventa
um poder mais forte e mais humanamente duradouro
do que o daqueles que a cavalo e entre gritos de guerra
investem fúrias sobre os outros com a lança e a espada.

6.

Seres como nós, vindos de muito antes.
Seres por onde a vida alcançou a consciência que se pensa
ao pensar o mundo onde ela pensa e a vida que nela a si se pensa.
Filhos do barro, seres das águas, da chama e da carne,
ferreiros dos signos, escritôres dos símbolos,
semeadores do oitavo dia, criadores do tempo da cultura,
com que a tudo à sua volta deram um rosto e um nome,
e em todas as coisas assinaram o sinal de seu saber.
Marcas de alma e sangue dos sonhos dos homens
que ousaram roçar com amor e temor
o solo do espírito, da mente e do pensamento,
olhando com fome os dedos do artesão e as mãos do sábio
e murmurando com o coração as palavras que ouviam.
Saberes que solitário o sábio sonha, desvenda e decifra.
Saberes que a mestra e seus alunos aprendem e ensinam.

7.

Como o chão de terra do clã tribal, no mapa vivo dos sinais da aldeia,
dentro das canoas, nos caminhos de terra da floresta,
no tabuleiro das primeiras roças de inhame ou de trigo,
seguindo atrás os passos dos adultos entre as horas dos dias,
olhando em silêncio a mãe fazer uma esteira de palha,
observando o gesto de um pai que semeia o grão de alfafa,
como terá acontecido que as crianças das primeiras tribos
tenham aprendido antes dos rituais que as fazem jovens
a conhecer os segredos das plantas, das águas e dos bichos,
a perceber nas nuvens do céu os sinais do tempo,
a entalhar na madeira as primeiras flautas e tambores
e a saber entoar as canções, a dançar as danças e a soletrar preces
aos pássaros, às flores, aos ancestrais e aos deuses de seus mundos?
Eles, senhores das selvas e das savanas, povos originários
ainda por felicidade não separados da natureza
e que se dividiam em clãs e a cada um atribuíam com ternura
o nome de um vento, de uma planta, de um bicho.
Eu sou “onça”, um dizia, e eu “arara”, dizia um outro, e eu “o ipê”.
Filhos do vento, irmãos da terra, a terra e a Terra
tratavam como a casa, e ao rio como um irmão e um caminho.

E ali onde sepultavam os seus mortos queridos
um vale, uma selva ou um monte eram sagrados.
E ao animal que caçavam, provedor da vida, pediam perdão,
pois não matavam um bicho, mas um ser a vida, como eles.

8.

Como aprendiam com o tempo a desfiar as teias infindáveis
dos nomes e do valor das coisas da selva e da aldeia?
Como sabiam aos sete anos decifrar os mistérios
da equação das categorias sociais das pessoas
com quem era dado a cada um viver e partilhar a vida?
Como as crianças aprendiam a saber desde cedo
quem no chão da tribo era quem, entre todas e todos,
para dividir uma casa ou uma cama, para brincar,
para aprender-com, para ouvir e falar, para temer,
para amar, para misturar entre gemidos os sucos do corpo,
e para semear na mulher a vida; para parir e cuidar,
para esperar, para ajudar a morrer, para enterrar?
E como é que os mistérios da tribo eram guardados
antes da escrita na efêmera flor da memória do grupo
e de uma geração à outra varavam o sono dos séculos?

9.

Como será que do adulto ao menino transitaram
entre pessoas, eras e lugares, os segredo de como invocar
o artifício da magia, a mãe da ciência e sua irmã?
Como foi que um alguém ensinou a um outro alguém
os outros nomes das mesmas e de outras coisas?
Como um dia alguém fabricou uma arapuca
e mostrou com gestos a um menino o que havia nela.
E pela primeira vez a inocência e a maldade do homem
prenderam ali uma distraída ave amarela?
Como, homens nus ou vestidos de peles
multiplicando entre o bem e o mal, a paz e a luta
a ilusão do domínio do homem sobre o mundo
e sobre tudo o que ele via, tocava ou imaginava
transformaram o que aprendiam a conhecer
ora em poder, ora em arte,
ora em saber, ora em sabedoria.

10.

Homens que com o que aprendiam souberem gerar
entre os atos da técnica e os gestos do desejo,
os saberes da sementeira dos grãos e do trato amoroso dos bichos,
mas também as artimanhas com que o homem
transforma com as chamas do fogo a mata em deserto.
Pois como quem de todas as coisas conhecidas sonha ser o senhor,
mas tal como a criança precisa a cada dia aprender de novo cada passo
do caminho do saber que habita ao mesmo tempo
a sua alma e o universo,

eis que o homem leu e releu pelo fio do tempo afora as lições
do difícil conviver com os outros de seu mundo de vida e de cultura
e com a matéria da pedra e a energia do sol,
ora sabendo lembrar, ora esquecendo de saber que nós
não somos mais do que a própria natureza viva,
transformada nos seres que aprenderam a pensá-la
e a atuar com ela e sobre ela com a mente e as mãos
ora como seus algozes, ora como seus irmãos.

11.

E para transformar tanto o mundo em que vivemos
quando a nós, passageiros habitantes da Terra,
segundo as imagens dos sonhos que nas noites sonhavam os magos,
entre momentos próximos e opostos de amor e medo
as pessoas do mundo da cultura que a educação cria e consagra
aprenderam a criar e construir, a saber e a repartir
os objetos de seus dias: o arco e o cesto, a prece e a rede,
o arado e o fio da sementeira, os desenhos passados no rosto do morto,
os colares e os braceletes das festas dos corpos de suas filhas.
E, assim, de acordo com a gramática de seus múltiplos ofícios
entre todos, desiguais igualados, homens e mulheres,
a tribo aprendeu a fazer circular ao redor da aldeia
de casa em casa os bens do fruto do amor, do saber e do trabalho:
peixes, pássaros e pessoas, preces, poemas e parábolas.

12.

E em cada cultura, entre a selva e a cidade,
tudo o que existia ia até onde alcançava chegar a educação
em meio a pessoas e saberes ao mesmo tempo iguais e diferentes.
Pois houve uma era em que em quase nada diversa
de uma brincadeira entre meninas e meninos
ou do trabalho do amanhã da mãe-terra
que três meses depois multiplica por cem uma semente,
eis que a educação vagava de mão em mão, de alma a alma,
no bailar de seus entre-gestos, no dizer de suas falas.
E foi quando ela não tinha ainda sequer este nome
e nem os seus senhores, e nem aqueles a quem eles serviam,
uma educação então livre como as flores do campo
que todos colhem pelo caminho e carregam para a casa,
amadurecia solitária, solidária, o fruto que o saber semeava.

***Segundo movimento
o tempo das cercas e do saber aprisionado***

13.

Por toda a parte, ao redor de quase todo o mundo,
quando surgiram e cresceram entre os humanos
o desejo da posse, o ganho em lugar da troca
e os poderes dos homens de depois da aldeias,
aqueles que inventaram a cerca e a palavra "meu"
e submeteram a água e a terra à maldição do domínio
e domaram e tornaram seus os homens
e os frutos do trabalho de todos
eis que se multiplicaram por cem e por sete vezes mil
as cestas das colheitas de doídos corpos curvados
sobre o chão que não era mais de todos da aldeia
e as outras riquezas da terra, entre o grão do arroz e o do ouro.
E o que mãos de mulheres e homens germinavam
eram destinados a alguns senhores de terras
cercadas e águas prisioneiras.

Foi quando o desejo da posse substituiu o fervor do dom,
o poder de possuir para si mesmo tomou o fruto do trabalho do outro
e transformou o uso e a troca solidária na maldição
do ganho e do lucro.

Então entre os homens da cidade surgiram
os palácios de grandes portas
os muros, as cercas, a prisão, a ganância e a guerra
os generais e as tropas,
as tropelias dos senhores e a servidão dos outros,
as leis entre os agora desiguais, os grilhões, as grades,
os juízes que condenam, os que prendem e os que mandam matar.
E surgiu o moeda que se acumula nos porões dos castelos
e não serve para germinar a terra, para adornar o corpo de uma moça
e nem para comer a partilha da vida
ao redor da fogueira de outros tempos.

14.

Veio o tempo em que alguns se tornaram donos do gado
e coube aos outros o dever de vigiá-lo para os seus senhores.
E a floresta antes queimada em pequenas quadras
e onde de novo as árvores floriam depois que a tribo mudava de lugar
foram arrasadas a poder de ferramentas cada vez mais vorazes.
E ali onde havia primeiro o buriti e depois o trigo
as patas dos bois e as árvores que semeiam desertos se multiplicaram.
E empilharam uns os montes do mesmo trigo
que faltava na mesa de outros.
E mãos de mães e filhas agora teciam em teares de lágrimas
a roupa de poucos.
Sobre o chão dos primeiros reinos divididos entre os homens
tornaram-se uns os donos da terra, das beiras dos rios e dos riachos.
E foram os que do alto de um palanque bradavam aos outros todos:
“Esta terra é minha e o trabalho de vocês nela é também meu!”

E cada vez mais onde antes havia trilhas sem cercas e casas sem portas
eles fizeram grandes portais fechados e com espinhos
inventaram as cercas.

E onde antes todos eram livres e diferentemente iguais,
veio o tempo do cetro, da coroa e das palavras "senhor" e "servo".
E veio então a era do domínio que torna desigual
a diferença entre todos,

e com falsas palavras pronunciadas como sagradas,
veio a lei que transforma em servo quem ontem era livre
e torna a terra tratada com as mãos e o amor
em um território de tabuleiros de gado, soja e eucalipto.

15.

E foi quando as pessoas de um diverso mundo
começaram a ensinar e a obrigar a aprender outras lições.
E então o saber que dava nome às imagens e criava canções e mitos,
e era o fruto do trabalho sobre a terra
e irmão do espanto e da maravilha,
dividiu-se também entre os filhos dos homens e os seus mestres,
assim como a terra e os seus frutos
passaram do dom e da partilha à posse e ao poder.
E o que fora repartido entre todos: nomes
segredos, saberes, memórias,
aos poucos saiu da volta das fogueiras e do olhar dos primeiros sábios
e encerrou-se entre altas paredes protegidas por guardas e silêncios.
E foi assim, como o grão roubado da mesa de todos
para o celeiro dos ricos,
que uma parte do antigo ofício de ensinar e aprender
dividiu-se também entre as mãos alvas de senhores
de sedas e segredos
esquecidos, como os mestres de quem eles eram os donos,
do trabalho solidário que tanto semeia o grão nas leiras de outubro
quando o que faz florescer na mente da criança
o fruto solidário do saber.

16.

De quem é a lua e de quem são as estrelas?
De quem são as figuras que a alma dos homens faz delas?
De quem são os seus nomes e os rumos no mar
que elas traçam ao navegante?
De quem é o saber sobre as estrelas, e o chão da terra e os seus frutos?
Em nome de quem e do quê alguns homens fracionaram
o saber em saberes
e deram a cada um caminho e um destino tão diversos
do que houve antes entre homens diferentes
tornados um dia desiguais?
Como é que foram separados por muros os nomes das coisas da Terra,

o conhecimento dos gestos, o sonhar de destinos e o sentido da vida?
E em nome de quem? De que pedras, rios, dragões ou deuses,
entre as classes em que mulheres e homens se converteram
a uns poucos foi dado o poder de pronunciar as palavras,
e aos outros o dever de ouvir e obedecer em silêncio?

17.

E veio o tempo em que a educação de um mundo dividido
reservou a poucos o segredo das letras de músicas difíceis de decifrar
sem nunca haverem sido por isto mais sábias do que foram antes
o saber dos segredos da vida que entre todos se bailava e se sabia.
Acaso esquecemos, nós que educamos com e para a vida
todas estas lições da história de antes e de agora?

Olhamos em nós e ao redor de nós
e vemos da educação os seus despojos
ou apenas a transformamos em um outro mito
criado por outros magos?

Por que então aconteceu com a educação
em nome de quem ainda acreditamos
que vivemos juntos uma mesma vocação de esperança,
algo como se uma canção comum, uma dessas cantigas
um dia surgidas no centro da aldeia
sem que se saiba de quem ou quando,
e que as pessoas todas juntas aprenderam a entoar
entre vozes de meninas e velhos, ao som de flautas de madeira,
e cantando e dançando rememorassem entre rimas e risos
as histórias de sua própria história e as crenças de suas vidas,
fosse à força aprisionada e dada aos senhores de templos e palácios,
onde apenas alguns iniciados, vestidos de roupas brancas de linho,
e separados dos muitos, soubessem tocá-la com flautas de ouro
e cantar em voz baixa canções secretas aos seus deuses e senhores.

terceiro movimento
tão grande quanto tudo o que é humano é a educação

18.

Tão grande quanto tudo o que é humano é a educação.
E mais ainda quando ela toma o amor entre nós e entre nós e a vida
como o chão de seu saber e o horizonte de sua incerta e certa trilha.
E também tão forte e frágil, tão estranha, tão generosa,
tão aberta ao sentir do coração de uma criança de seis anos
e tão fácil de ser entregue ao mal da ganância e do domínio do poder.
Depois de tantos milênios de existir entre tantos povos,
a face múltipla da educação está viva como os seres humanos
entre as suas sinuosas travessias de histórias e culturas.
E depois de tanto, de todas as teorias sobre ela e os seus segredos
e mais os métodos e os artifícios de sua amorosa prática
não logramos tornar a educação e nem a sua sábia, humilde
e multiforme tessitura de fios entrelaçados de trocas entre as pessoas
muito diferente do que única e múltipla, igual e diversa,
ela tem sido ao longo da trajetória de sua própria vida
entre mestres e aprendizes, entre professoras e alunas,
entre meninos que brincam entre eles. Entre avós e netas.

19.

Nada existe na educação de eterno,
nada de acabado ou de absoluto,
e tudo o que nela parece eterno
ao mesmo tempo muda, e mudando, permanece,
pois a cada era ou a cada dia ela não é mais do que aquilo
que os que se reúnem para dialogar a sua fala
e o seu silêncio fazem dela.
Nós, criaturas de Prometeu, acendemos um dia o seu fogo!
Pois como tudo o que o homem precisou aprender para ser e criar
a educação é fruto do saber e do lento e árduo trabalho humano.
E é, ela própria, um trabalho de homens e mulheres entre eles e elas.
Um trabalho feito com sons e sentidos
sobre a matéria de nosso espírito.
E tal como acontece entre os homens da terra,
apenas em um outro solo ela ara, lavra, semeia, cuida e colhe frutos
no chão de seu próprio corpo:
a mente, o coração e o espírito humano.

20.

A educação que sonhamos praticar deve existir apenas onde as mulheres e os homens se reúnem e compartilham, livres e iguais, à volta da fogueira ou entre as paredes de uma sala os seus símbolos e sensibilidades seus sentidos e significados, seus saberes e sociabilidades, e mais a nossa imperecível vocação de não apenas habitar um mundo mas de criarmos juntos o mundo onde vivemos nossas vidas e destinos. Por isso, quando alguém destrói nela e através dela as teias e tramas das trocas solidárias do trabalho e a virtudes da generosa repartição de seus frutos, de igual maneira a educação muda os seus nomes, condena os seus sábios ao silêncio, destina a sua inata rebeldia ao desterro, e transforma nos vícios da mera informação que se compra e vende as ousadias humanas do saber e da sabedoria.

21.

Aqueles que pretenderam obrigar um dia o educador a ser menos humano do que foram antes os que ensinaram aos livres, ignoram ao longo das eras dos tempos e das eiras dos povos que uma coisa é o ensinar que acende luzes, dialoga entre mentes e gera entre todos o saber de quem ao se transformar transforma os outros, e junto com os outros transforma em mais humano o seu próprio mundo. E outra coisa bem diversa é apenas instruir uma criança, para que anos mais tarde ela seja uma seguidora silenciosa e fiel das leis que transmutam a sociedade em um mercado, o território livre da vida no mundo aprisionado dos negócios, e os seus sujeitos em servos que não lembram mais quem foram, quem são agora e quem poderiam ser se outro fosse o seu saber.

22.

Porque os que dizem que o seu ofício apenas instrui o que se sabe esquecidos de ensinar o que se cria com o outro e se aprende com ele, esqueceram de contar que a mesma luz que clareia salas escurecidas é também um fogo vivo que quando irrompe entre muitas mentes incendeia no meio da noite o coração do homem e o mundo.

Emissário da palavra, buscador do diálogo, amador da vida,
co-criador de homens novos e de mulheres indomáveis,
o educador não é um artesão estacionado no seu tempo.
E se podemos parecer sermos hoje menos do que fomos ontem,
sabemos também que somos agora mais indispensáveis do que nunca.
Porque mais do que nunca, mais do que sempre,
trata-se de salvar o homem de si mesmo e a si mesmo
trata-se de reverdecer o mundo e recriar a vida
e quem aprende e educa vive aí o seu lugar essencial.

23.

E é por isto que nós somos como pontes
sobre a terceira margem do rio.
Somos a memória do que não deve ser apagado do coração do homem
e somos o chamado à aventura de criar o que merece ser aprendido.
Somos os que se abrem a reaprender de novo e a cada dia.
A saber aprender com o vôo dos pássaros e com o crescer da floresta
a inverter com a novidade da vida as lições mofadas da sala de aulas.
Sabemos que sempre é possível recriar com o outro
as palavras esquecidas dos que tiveram a voz silenciada.
Entre todos e não apenas entre os poucos escolhidos
o trabalho do educador serve e deverá servir
ao reencontro do ser humano com a sua origem.
E não apenas por dever de ofício é urgente nunca esquecermos
que se não tomarmos entre as mãos o leme do navio da educação
outros irão fazer isto por nós, e contra nós, contra a vida
e contra o horizonte da aurora dos tempos que hão de vir,
porque, juntas e juntos, nós faremos com que ele um dia eles cheguem.

24.

E nós, educadoras e educadores
da natureza, da vida e do ambiente,
aprendemos e ensinamos porque cremos
que nós, a fração humana da vida
somos também, como a própria vida,
feitos de água, de barro e de fogo
e por isso somos o desejo e o amor.
Somos feitos de terra e de vento
e, assim, somos eternos como a vida
e somos passageiros como a flor.

Somos a luz, a sombra, o claro, a escuridão.
Somos memória de um deus que é... nós.
E somos o criar da nossa história,
entre o saber da ciência e a poesia.
Somos o espaço e o tempo
o dia de sempre, o nunca e o agora.
Somos a imensidão da Terra, nossa casa,
E somos o vir da noite e o chegar do dia,
e somos o ser do sol e o do céu e o do chão.

Somos o silêncio e o som da vida.
O estudo somos, e a partilha do saber.
Somos a lembrança e o esquecimento.
Somos a coragem e o seu irmão, o medo,
e somos o encontro, o aconchego e o abandono.
A espera somos nós e somos a esperança.

Somos o perene, o fluir e o momento,
a árvore, a pedra, o vento e a flor.
Somos a energia, a luta e a paz.
Somos a vida criada e o criador.
Somos o mundo que sente,
e irmãos da vida saberemos ser?
Somos a aventura de ser vida
e consciência, afeto, ternura, sentimento.
E assim, em cada ave que voa há nossa alma,
e em cada ave que morre, a nossa dor.

Carlos Rodrigues Brandão
Montes Claros, Pirapora, Uberlândia, Campinas, Piracicaba
outono de 2014

**PEDRAS PLANTAS PEIXES
PÁSSAROS E PESSOAS**
*Cantata para voz, vento e viola
entremeada com passagens de
João Guimarães Rosa
e outros viventes dos sertões, cerrados e gerais
para ser lida e tocada no encerramento do X^o
Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia
celebrado em Montes Claros, nos sertões do Norte
de Minas Gerais, entre 22 e 26 de novembro de
2014. Outono, Quadra da Lua Nova*

Começo este entremeado de palavras lembrando um dos mais fecundos etnobiólogos deste país. Um médico que depois tornou-se um diplomata e, sobretudo, um escritor. Ele sequer sabia que era um atento e amoroso etnobiólogo. Mas era.

Trago aqui fragmentos de leitura de um de seus momentos mais surpreendentes, e menos conhecidos.

O Livro é: **No Urubuquaquá, no Pinhém**. O conto, quase uma novela, é: **Cara de Bronze**. E ele é uma conversa entre sertanejos vaqueiros. Ocorre que o Cara de Bronze, misterioso fazendeiro, senhor de gado e patrão de vaqueiros, ao se ver sem mais poder montar a cavalo e sair pelos ermos do sertão, convoca Grivo a que cumpra esta fortuna em seu nome. Sair pelos Gerais e ver e depois recordar tudo o que viu da natureza das plantas de por onde andou.

Grivo, o vaqueiro, retorna da viagem a cavalo. E ao se juntar à roda dos outros relata passagens da viagem.

E então o escritor amoroso das plantas do sertão abre no meio do conto uma nota de rodapé que de forma surpreendente ocupa várias páginas.

Escrevo abaixo os dados da nota e leio a seguir apenas uma parte dela.

A relação do Grivo

A nota de rodapé em Cara de Bronze, novela de No Urubuquaquá, no Pinhém. Começa na página 108 e vai terminar na metade da página 111 da 3^a edição, da José Olympio Editora de 1965.

Na edição nova da Editora Nova Fronteira, de 2001, o Cara de Bronze começa na página 107 e vai até à 174. A nota de rodapé com a relação do Grivo começa na página 149 e vai até à 154.

*Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei.
Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não
sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas
poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe
agradeço é a fineza de sua atenção. GSV: 48.***

*** Fora indicações diferentes, todas as citações do Grande Sertão: veredas são da edição de 1983, da Editora José Olympio, do Rio de Janeiro. Há duas passagens do Sagarana. Ao longo desta cantata as passagens de Guimarães Rosa não possuem uma relação direta com o que escrevi. Apenas procuram trazer para aqui alguns momentos em que João Guimarães Rosa fala de plantas e de bichos.*

1. No tempo antes de agora

Quando antes nada havia, havia quase tudo.
Havia o que entre cometas e trovoadas
começou com fúrias a criar aqui na Terra o chão
sobre o qual a Vida veio.
Foi aquele o tempo demorado dos sons sem as vozes,
pois apenas no ventre e na pele do planeta
tudo eram os ruídos das águas e dos fogos.
A fornalha dos vulcões, os tremores das pedras ancestrais,
o bramir dos mares de outros tempos,
o voar dos ventos sobre as areias e o tempo.
Os tambores ainda sem mãos das chuvas sem fim
e a alquimia de murmúrios que nos primeiros brejos
entrelaçava cadeias de carbono e fecundava no ventre da terra
a semente mínima das primeiras vidas.
Aquele foi o tempo em que muito antes dos sons dos seres
a Terra por toda a parte soava sem cessar
os ruídos sonoros de um mundo musical antes da Vida.

*Aquilo nem era só mata, era até floretas.
Montamos direito, no Olho d'Água-das-Ostras,
andamos e demos com a primeira vereda –
dividindo as chapadas - o faclo do vento
agarrado nos buritis, franzido no gradeal de
suas folhas altas; e, sassafrasal – como a
alfazema, um cheiro que refresca; e as aguadas
que molham sempre. GSV:218.*

2. Qual a fala do buriti? Qual a do pé de ipê

Vieram então os seres que das águas e dos minerais da terra absorvem tudo o que precisam para serem seres da Vida.
Há outros seres, aquele que dos ser dos vegetais se nutrem.
E há seres que ingerem os minerais da terra as plantas e os outros seres da Vida.
Silenciosa, antes da Vida dos bichos e da nossa, e durante eras as plantas da Terra verdejavam o planeta cujo céu aos poucos foi azul.
E em silêncio há milênios como agora, as árvores e as ervas aprenderam a serem entre mudas falas o mais sábio ser da Vida.
Segredos vegetais! Quanto haveres de aprender quando ao invés de apenas falarmos entre nós sobre as plantas soubermos nos calar para ouvir a voz sem palavras das flores e dos frutos?
“Uma árvore cai com um grande estrondo, mas quem escuta a floresta crescer?”*.

* **Provérbio do Senegal**

*Vimos pelo Urucuia. Rio meu de amor é o Urucuia. O chapadão onde tanto boi berra. Daí os gerais, com o capim verdeado...
Ar que dá açoitado de movimento, o tempo-das-águas, de chegada, trovoada, trovoando.
Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em ventos, danando em raios, e fúria, o armar do trovão...
O flaflo do vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas...
O senhor escute o buritizal...
Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho.
Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão...
Ao que aquelas crôas de areia e as ilhas do rio, que a gente avista e vai guardando para trás...
Tonteei as alturas.
Antes, eu percebi a beleza daqueles pássaros, no Rio das Velhas... O manuelzinho-da-croa. **GSV: 58/233/235/236/237***

3. os sons das águas e dentro das águas

Que vozes os elementos da matéria soavam dentro das águas
no tempo antes de os mares e rios abrigarem a biologia da vida?
Fácil ouvir de longe o trovejar das altas cascatas
e a bateria de águas sobre pedras das cachoeiras.
Mas dentro das águas calmas dos remansos
do que veio a ser o Rio Opará,
que mínimas vozes antes das bactérias
e dos pais dos primeiros peixes soariam que sons?
Quais músicas cantariam ainda sem sílabas e sentidos?
Silenciosas são as tartarugas, os tracajás, os jacarés e os peixes.
Mas teriam sido os seus ruídos sem música e sem palavras
as primeiras falas de uma vida após as plantas
e antes dos sáurios e dos pássaros.

*Enquanto isso, o mico espiralava tronco abaixo e
pulava para o vinhático, e do vinhático para o sete-
casacas, e do sete-casacas para o jequitibá; desceu na
corda quinada do cipó-cruz, subiu pelo rastilho de
flores solares do unha-de-gato, galgou as alturas de
um anjelim, sumiu-se nas grimpas e dali vaiou.
Sagarana, 1984: 78.*

4. Pássaros e outros seres antes da palavra

Com que códigos e gramáticas
que a ciência dos xamãs e dos doutores sonha decifrar
as primeiras bactérias terão criado na Terra primitiva
a primeira literatura?
Como, anteriores ao signo, ao símbolo e à palavra
os seres originais da Vida
se falavam, e de uma geração à outra transferiam seus sábios saberes?
Antes do silencioso som da preguiça gigante e dos tatus de grande
porte
como a primeira ciência da vida terá criado os seus nomes?
E como, depressa então, como se a sonoridade da Vida
disparasse a sua flecha,

já o planeta antes do homem ecoava nos dias e entre as noites
a infinita diversa sinfonia da bicharada do cerrado e da floresta?
Que primitivos e já próximos dizeres
de uivos e de berros, de ladridos e miados,
de urros , de cicios e, mais do que tudo
da infindável serenata dos pássaros
ecoavam entre os sons primordiais de que somos os herdeiros
nestas paragens de sertões, gerais e cerrados?

*Ala, os buritis, altas corbelhas. Aí os buritis iam
em fila, coroados de embaralhados ângulos. A
marcar o rumo da rota dos gaviões. E o Buriti-
Grande. Teso, toroso. No seu liso, nem como os
musgos tinham conseguido prender-se. Às vezes.
Do brejão roncava o socó-boi. Mas
sempremente, o gloterar das garças brancas, a
intervalos. GSV: 112, da edição de 1969.*

5. Os primeiros seres a dar nomes ao que havia

Vindos afinal de onde e através de que caminhos, em qual era da Vida
terão chegado aqui os primeiros seres que a tudo davam nomes,
e em suas línguas primitivas escreveram com palavras partilhadas
e coloridos desenhos escavados nas pedras
a imagem e a figura sonora dos minerais, das plantas e dos animais?
Quais mulheres e homens vindos do Norte
poliram as primeiras pedras,
abriram as primitivas roças, armaram de taquaras
as primeiras redes de pesca,
capturaram a primeira capivara
acenderam na noite a primeira fogueira
e com o tronco de qual árvore escavaram o oco da canoa
que pela primeira vez navegou o rio de São Francisco?
Que nome teria então o grande rio?
E o surubim? E a seriema? E a suçuarana?

Com que primitivos sábios sistemas do saber as mulheres da tribo
souberam separar as plantas da terra e estabelecer o vocabulário
das ervas que curam, as que matam
as que se come e as que embebedam?

*Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do
pensão do milho. Trasmente: que com o capitão-
do-campo de prateadas pontas, viçoso no
cerrado, o anis enfeitando suas moitas; e com
florzinhas de dejaniras. Aquele capim-
marmelada é muito restivel, redobra na
brotação, de verde-mar, filho do menor chuveisco.
GSV:23.*

6. Povoadores de Opará

Depois chegaram os outros, herdeiros dos primeiros homens.
Os povos chegados de outras selvas, de outras lonjuras.
De alguns ficaram os nomes e a memória; de outros o esquecimento.
Terão dado ao São Francisco este nome: "Opará"
E quantas cidades e povoados de agora
são nomes de suas línguas perdidas:
Janaúba, Jequitaí, Juquitiba, Jaíba, Guacuí, Pacuí,
Ibiaí, Pirapora, Paracatu, Urucuia.
Quantos nomes de bichos de ontem e de agora soaram em suas falas?

Pequeno poema com nomes de bichos em falas de índio

quiriru, surucuá
pacu-pira, candiru
pacu-piranga, piaba
pirapitinga, iambu
piri-piri, curimatá
mutum-pinimba, iaçami
sary-ema, aracuãá.

pacu-tinga, caxixi
piranha-paxuna, mutum
uacari-guaçu e cãcã
paravehú, bocrayubá
irara, urubu-tinga
saíra, urutu, coati
maracanã, tracajá
coti-yuba, maracajá.

aperiá e mocura
sussuarana e apaca
lobo guará, capivara
suçarana, acauã
uru-mutum, sabiá
inambu-torum
mutum-pinimba
matrinchá e surubim
o quati e a irara
caxiú, macaco-ussu
a maritaca e a arara
jaguar e jaguatirica
tamanduá e tatu.

A borboleta viria para o brejo, que era uma vegetação embebida calma, com lameal com lírios e rosas-d'água, adadas, e aqui ou mais um poço, azulijo, entre os tacurus e maiores moitas, e o atoalhado de outros poços, encoscorados de verde osgo. O brejão, até um oásis, impedindo a entrada do homem. GSV:107/108 da edição de 1969.

7. Os vindos de longe – servos de pele escura

Fugidos de minas, das casas-grandes e de fazendas,
outra vez convertidos de escravos em homens e mulheres livres,
retornados aos seus nomes de guerreiros de África
aprendizes de sábios sacerdotes
de deuses de pele escura como a deles,
homens e mulheres negras abriram trilhas nas florestas
e entre os ermos dos sertões e na beira dos rios e das floretas
construíram os seus quilombos e povoaram de outros nomes
os seres da Vida com quem repartiam a vida e o destino.
E houve um tempo em que tanto a onça
quanto deus eram pronunciados
entre diversas gramáticas e línguas de índios
de negros e de brancos pobres
e depois empobrecidos, cercados e encurralados.

O milho crescia em roças, sabiá-deus ria, gameleira pingou frutinhas, o pequi amadurecia no pequizeiro e a cair no chão, veio veranico, pitanga e caju no chão. GSV:216.

8. Gentes dos rios e da terra

De acordo com o lugar onde plantavam as suas moradas e semeavam entre setembro e janeiro os grãos da vida os povos da terra e das águas criaram os nomes dos viventes dos sertões: beradeiros, barranqueiros, vazanteiros, ilheiros, veredeiros, chapadeiros, geralistas, geraizeiros, sertanejos, camponeses, lavradores, pescadores. E os unia a mesma sina de serem por toda a parte os semeadores da vida: a dos filhos, a das roças de milho a das pequenas comunidades tradicionais que em pouca coisa tornava diferentes os xacriabás os quilombolas e os camponeses, irmãos de sina que com diferentes gramáticas de saberes tiravam de raízes e frutos da natureza e dos grãos da roça o sustento da Vida e entre diferentes linguagens a tudo davam nomes.

Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha roxa, e a nhiica e a escova, as amarelinhas. GSV:22.

9. A chegada do estranho - seres de peles brancas

Um dia, muitos milhões de anos depois das águas, e depois dos peixes e das aves, e centenas de milhares de anos depois da chegada dos primeiros humanos e depois dos povos indígenas de iguais peles da cor da terra... eles chegaram. Montados em cavalos, senhores dos trovões de pólvoras, e papéis, mamelucos e brancos de peles de couro e chapéus ao invés de penas na cabeça, eles pretenderam mudar a geografia dos dons da Vida e o nome dos seus seres.

Senhores do nada tomaram as terras dos povos ancestrais,
E com eles voltou ao cerrado, à caatinga e aos sertões, a era do fogo.
E á diversidade dos povos indígenas
eles deram um único nome: “botocudos”.
E por anos a fio dedicaram-se a exterminá-los da terra que era deles.
A poder de mortes derrubaram matas, secaram lagoas e desertaram a Vida.
E os que vieram do Sul, senhores de terra roubada
e de servos comprados,
eles inventaram o ganho e o lucro, ali
onde antes havia a troca e a partilha.
E pela primeira vez as redes da ganância
pescavam em excesso os filhotes dos peixes.
E lá onde por milhões de janeiros e julhos havia por toda a parte
a resistente e colorida multiforme vida do cerrado, do sertão
salpicado de veredas verdejantes, ninhos da vida e do afeto,
eles derrubaram as árvores que guardam as águas da chuva
e entre raízes profundas as fazem descer ao coração da terra.

Aí, a beldroega, em carreirinha, indiscreta –ora-pro-nobis! ora-pro-nobis! – apontou caules ruivos no baixo das cercas das hortas, e, talo a talo, avançou. Mas o cabeça-de-boi e o capim-mulambo, já donos da rua tangeram-na de volta; e nem pode recuar, a coitadinha rasteira, porque no quintal os joás estavam brigando com o capim-agulha e com o gervão em flor. Sagarana, 1984:120,

10. os outros, nós

E com estranhas palavras em Latim chegaram um dia de longe,
vestidos de escuro e com estranhas lupas e outros aparatos
uma gente que ao buriti, ao pequi, ao ipê, ao baru e à mangaba
começaram a dar outros complicados nomes de difíceis vozes.
E sem cultivarem a intimidade amorosa com que os povos da terra
tratavam a arara, o cavalo, a flor do ipê e a tapioca
eles buscavam decifrar os segredos que a Vida
com afeto revelou aos sertanejos.
Eles que deveriam ouvir a palavra do poeta:
“Pergunta aos doutores, se não te basta o vento” **.

**** Verso de Pablo Neruda**

*E descemos num pojo, num ponto sem praia,
onde essas altas árvores – a caraíba-de-flor-
roxa, tão urucuiana. E o folha-larga, o aderno-
preto, o pau-de-sangue; o pau-paraíba,
sombroso. O Urucuia, suas abas. E vi meus
Gerais! GSV: 218.*

11. O silêncio dos senhores do deserto

E mal as últimas cinzas dos fogos que acendiam
se apagavam como lágrimas de pó sobre o chão seco,
os senhores do Sul semeavam a soja e o eucalipto
nos desertos que criavam.

E no lugar onde as comunidades populares
partilhavam os frutos da terra
a que deram mil nomes sábios e sonoros,
eles expulsaram gentes, e entre cercas povoaram de gado o vazio.

E pelas estradas do sertão ou entre a cerca e a beira do rio
camponeses sem a terra vagavam em meio a desertos verdes
de ilusória vida.

Eles, os camponeses que por gerações a fio, entre avós e netos
foram os semeadores de roças de milho, mamão e melancia,
de arroz, amendoim, feijão, fava, mandioca, inhame e algodão.
E sobre e sob a terra onde ancestrais de índios, negros
e camponeses brancos
com as mãos em concha colocavam as sementes da vida do povo
os senhores atiravam os pós de malditos nomes
e os líquidos de seus venenos
plantadores da morte, senhores do ganho injusto,
semeadores do deserto.

Do chão do sertão vão sendo os pobres da terra expulsos
a poder de enganar
e entre silêncios de pássaros e o rugir de máquinas
a vida que era viva, começava a morrer a sua própria morte.

*Você olha esse mundo abaixo, ó. Que está
destroçado aí, na beira dessas veredas. Onde tem
água tem bateria cozinhando carvão. Aquela
confusão toda. Você olha esse azul aí fora... e pra*

todo lado aqui o tanto de eucalipto que tem! Cobra pode ter alguma dentro da reserva. Mas dentro do eucalipto nem cobra não fica. Nem cobra! Marimbondo, você pode andar o dia todo do eucalipto. Você não encontra.

Depoimento de Manuelzão a mim em julho de 1989, no Andrequicé.

Está em O mundo-sertão, no livro Beira Vida-Beira Rio - vida, comunidade e cultura no Rio São Francisco, Editora o Lutador, Belo Horizonte, 2013. Organizado por Alessandra Fonseca Leal e Maristela Correa Borges. Na página 99

12. Repovoar estes sertões de vidas e de nomes sonoros

Povos indígenas, comunidades quilombolas, famílias camponesas: entre a cerca, o rio e a estrada, uma gente encurralada perde os seus territórios, terras de seus ancestrais, veredas um dia verdes, e as fontes das águas da Vida.

Terminada esta noite amanhã retornaremos às nossas casas. Protegidas propriedades nossas nos esperam e a elas cumpre voltar com a esperança de ali reencontramos tudo o que é nosso, tal como deixamos.

A que moradas de quais lugares voltaram e voltarão outros, eles, os que entre a pele escura, a mão calosa, a voz de quem sabe e sofre, e o coração doído de esperar, não sabem se e até quando terão ainda uma casa, uma roça de milho, uma comunidade, uma terra, um território? E sabemos que quando perdem para os homens do poder e do mercado aquilo de que a vida do povo se nutre a cada dia: a terra e a água, o que após a perda da, casa, da lavoura e da comunidade se perde, são é também os saberes dos segredos da vida.

E bem sabemos que eles vieram aqui para nos dizer que para além do que escrevemos na cidade, eles esperam de nós, que ao conhecermos um pouco mais dos seus saberes sejamos, bem mais do que estudiosos do que eles sabem e de como vivem. Que aprendamos a ser a presença ativa

junto às suas lutas e esperanças,
para que um dia o que hoje estudamos
sobre os seus saberes vivos sobre a Vida
não venha se tornar algum dia a ciência de uma antiga história
do que pessoas, povos e comunidades souberam saber alguma vez.
A sabedoria ancestral do lidar com a Terra e a Vida.
Os saberes que os seus filhos, exilados da terra dos avós,
longe da terra começaram um dia a esquecer.

*E que este escrito termine com palavras que não são minhas, e
que havendo vindo aqui eu li e ouvi de camponeses do Norte de
Minas Gerais*

***Comissão Nacional de Ligas de Camponeses Pobres
Carta Aberta aos participantes da 748ª Reunião da
“Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo”
Lida durante a referida reunião na Câmara Municipal de
Montes Claros, no dia 20 de novembro de 2014. Dois dias
antes da abertura de nosso Simpósio.***

Queremos aqui nesta oportunidade enumerar algumas questões que resumem a ação deste governo que, ao contrário de toda a propaganda, inclusive de suas “audiências públicas”, está a serviço do vigente sistema de exploração e opressão. Que enquanto uma “Comissão Nacional de combate à Violência no Campo”, sob nome pomposo, o que faz é promover, encobrir, avalizar e favorecer a violência do Estado e dos latifundiários contra os pobres do campo.

Quais têm sido as soluções apontadas para o que chamam genericamente de “conflitos”, que não seja enviar tropas cada vez mais armadas para guerra? Não criaram a Força de Segurança nacional e até unidades de choque da Polícia Federal para reprimir camponeses, indígenas e outros trabalhadores? O remédio para os “conflitos” de enviar forças policiais não tem sido o de sempre: tomar espíngardinhas e motosserras dos camponeses, além de apreenderem suas motos? Onde e quando, em qual “conflito” que as forças repressivas enviadas tanto pela “Comissão Nacional de Combate à Violência no Campo” quanto por outro órgão do Estado em que latifundiários ou seus gerentes foram presos?

Em que os arsenais de armas que eles possuem foram apreendidos?

Se os números revelam a gravidade da situação, o pomposo nome dado pelo governo a esta “comissão” se encarrega de esconder a realidade. Violência no campo? De quem contra quem? Quantos camponeses, indígenas e quilombolas assassinados nestes anos? Quantos latifundiários, donos de mineradoras e de grandes empreiteiras assassinados? Quantos indígenas e quilombolas presos? Quantos diretores e gerentes e funcionários do INCRA, institutos estaduais de terras, juízes e outros órgãos do Estado quem prevaricaram, dão documentos falsos e favorecem latifundiários estão presos? Quantas operações militares complexas e com todo aparato policial-militar do Estado, escutas telefônicas, etc., contra camponeses, indígenas e quilombolas? Quantas operações do mesmo porte e com a mesma publicidade para prender latifundiários ladrões de terras, assassinos e grileiros?

Montes Claros

26 de novembro de 2014

Quadra da Lua Nova

NÓS, AQUI, COMO ANTES, AGORA!

cantata dos seres e dos povos originários

*Travessia perigosa, mas é a vida.
Grande Sertão: Veredas, 509*

Nonada

Nonada.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por campos-gerais a fora a dentro eles dizem, fim de rumos, terras altas demais do Urucuia... Então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com morador...

*O Urucuia vem de montões oeste.
Grande sertão: veredas, 9.*

Nonada. Aqui começa!

Primeiro foi o fogo

Primeiro foi o fogo.

Por incontáveis dias de chamas e luzes sem noites
em uma jovem Terra incandescente
que era então o sol de si mesma
as labaredas de uma fogueira única que toda ela se acendia
devolviam ao Sol de onde a Terra
veio o seu fogo, as suas luzes.

Tudo foi então o incêndio original que a tudo modelava
em sua fúria de calores, onde no entanto
a própria vida germinava.

E sobre a Terra acesa entre lavas existia ainda
o corisco do chocar dos cometas de longas caudas
e dos meteoros vertiginosos, sonoros viajantes do espaço.
Carruagens de pedra acesa, de metais e chamas.

E a primeira Terra incendiada recebia a cada instante a visita das fúrias de um primitivo e fecundo caos dos cosmos. E do fogo de uma matéria ainda sem forma e sem nomes o terceiro planeta depois do Sol moldava a sua primitiva figura. Primeiro foi o fogo e tudo incandescia aqui. E caminhamos hoje sobre suaves estradas de terra vermelha esquecidos de que muito antes elas foram rios de lavas. E de muito tempo atrás até hoje, cada fogueira de madeiras secas que mãos de mulheres e de homens acendem no meio da noite recriam sob as estrelas do céu ou entre as paredes de uma casa uma mínima memória do que foi tudo nos primeiros tempos. Primeiro foi o fogo! E tudo o que habitou depois a Terra veio dele.

*Fui fogo, depois de ser cinza.
E o miolo mal do sertão residia ali, era um sol sem vazios.
Grande sertão: veredas, 40/45*

E vieram as grandes águas

E vieram então as grandes águas. Quando? Como? Quando e como, durante outros muitos milhões de anos sobre a pele ainda quente de uma Terra que aos poucos esfriava outros corpos celestes carregados agora de águas trouxeram do espaço a líquida matéria das sementes da vida? Pois de onde primeiro veio a fúria do fogo, veio depois a alma da água. E tudo o que depois foi e agora é: a água dos mares, a dos grandes rios e a água clara dos riachos e dos lagos, a das nuvens no alto e a das chuvas e mais a água dos incontáveis veios por onde flui a vida entre os fios dos rios interiores das plantas e dos bichos do mundo e também as teias das veias de nós mesmos, os seres humanos tudo o que há na vida foi moldado pelo fogo e semeado na água.

Pois o que o fogo primitivo modelou as águas primordiais animaram de vida. Do espaço infinito com as águas vieram as sementes de quem somos. E tudo o que é vida chegou aqui na Terra veio com a poeira das estrelas.

E toda a Terra inundou-se de águas e da espera da vida.
E tempestades milhares de vezes
mais longas do que quarenta dias e noites,
varreram com raios e águas a pele jovem de um planeta
que mal ainda aprendia a desenhar o perfil de seu corpo,
de seu rosto.

E de longe pedra velha remelheja, vi. Santas águas, de vizinhas.

Perto da água tudo é bom.

Grande sertão: veredas: 45

O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão se escuta o barulho de fortes águas ... o senhor dorme sobre um rio?

Grande sertão: veredas, 273

Por entre as chapadas, separando-as (ou, às vezes, mesmo no alto, em depressões no meio das chapadas) há veredas. (...) A vereda é um Oásis. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros. (...) As encostas que descem as chapadas para as veredas são em geral muito úmidas, pedregosas (de pedrinhas pequenas no molhado chão), porejando aguinhas: chamam-se resfriados. Em geral, as estradas, na região, preferem ou precisam de ir, por motivos óbvios, contornando as chapadas, pelos resfriados, de vereda em vereda. (...) Há veredas grandes e pequenas, compridas ou largas. Veredas como uma lagoa; como um brejo ou um pântano, com pântanos de onde se formam se vão escoando e crescendo as nascentes dos rios; com brejo grande, sujo, emaranhado de matagal (Marimbú); com córregos- para aumentar a nossa confusão. (...) Em geral, os moradores dos gerais ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os veredeiros. Outros moram mesmo no alto das chapadas, perto das veredazinhas ou veredas altas, que, como disse, também, há nas chapadas: estes são geralistas, propriamente (com relação aos veredeiros, isto é, em oposição aos veredeiros). Mas o nome de geralistas propriamente ditos. Quem mora nos gerais, seja em vereda ou chapada, é geralista. Eu, por exemplo.

Você, agora, também.

JGR, Correspondência com o tradutor italiano, 40/41

Os rios dos sertões, do cerrado

Quando enfim as águas que tudo cobriam
deixaram sobre a Terra aparecer a terra
e os continentes um dia juntos e depois separados por entre mares
aplainaram por toda parte o seu chão
e mais adiante elevaram montes e montanhas,
veio então o tempo em que as águas interiores
- as que não eram de sal,
tracejaram com mãos de geografia
no solo do planeta os primeiros rios.
Em que era de que tempo perdido na história e na memória
terão surgido entre todos do continente que nos abriga
estes estranhos rios que ao revés dos outros, correm para o Norte:
O Araguaia, o Tocantins, o Xingu, o Tapajós
e todos os que sobem do coração do cerrado aos verdes da Amazônia
e se derramam no grande rio Amazonas,
navegante de uma planura de florestas verdes, sem fim
onde todas as água vindas do Sul e do Norte
o rio recebe e leva ao mar?
E mais os outros todos, os rios que vindos das terras férteis do Sul
sobem gerais, cerrados, sertões, e entre terras secas
se entregam ao mar:
o Mucuri, o Jequitinhonha, o São Francisco, rios mineiros.
Rios das terras amorosas do cerrado, o “Pai das Águas”.
O generoso sertão-do-cerrado que, diverso da Amazônia,
antes de devolver ao mar as águas que são dele,
derrama as suas infinitas ramas líquidas águas sobre outras terras.

*O senhor surja: e de de repente, aquela terrível
água de largura: imensidade. A feiúra com que o São
Francisco puxa, se moendo todo barrento vermelho,
recebe para si o de-Janeiro, quase só um rego verde só...
O arrojo do rio, e só aquele estrape, e o risco extenso
d'água, de parte a parte. Alto rio...
O rio de São Francisco – que de tão grande se comparece.
Grande sertão: veredas, 58/59 e 460*

Entre as águas, sobre a terra, a vida

Onde imaginaram que tudo era um deserto
o território de meio ano sem chuvas e sob um sol de brazas,
ali, onde árvores poucas, baixas, retorcidas
e de grossas cascas à espera dos fogos de agosto,
ali, onde uma terra sedenta depressa absorve
e esconde as águas de janeiro,
ali, onde tudo parece hostil à vida, um quase árido deserto
eis que uma vida plural e multiforme
povoa as águas, os ares e a terra.
Com os nomes dos primeiros povos de seres humanos
eis um sertão de cerrados e gerais povoado
de sementes, plantas e frutos:
Pequi, Caraiba, Carapiá, Catuaba, Caroba, Calunga, Araçá, Pacari
Congonha, Cravim, Embaúba, Gabiroba, Imbirussu, Joborandi,
Jenipapo, Mulungu, Mutamba, Macambira, Tamburil, Timbó, Tingui,
Sucupira, Peroba, Pitanga, Quilombo, Sainguin, Massambé, Buriti
Jurubeba, Jatobá, Genipapo, Capeba, Aroeira, Articum, Murici.
E entre a onça e a formiga, a anta, a jandaia e o coati
entre as abelhas e as emas, os bagres, as piaparas e o surubim,
uma outra vida movente entre as águas e o vento
povoava de asas, de pele e de pelo a imensidão do cerrado.
Aqui, muito antes de surgirem os seres de quem somos a herança,
primeiro viveram e se multiplicaram as árvores e as aves.
Um longo tempo de eras e milênios em que os seres vivos anteriores
aos que agora desaparecem num sertão que se esvai,
aqui viveram e misturaram à terra o sêmen e o sangue de suas vidas.
Os rios do cerrado corriam sem palavras e sem nomes,
e apenas os sons das músicas
e cantorios dos animais das matas e dos rios
misturavam as suas vozes ao murmúrio
das águas e aos silêncios da terra.
Era então o tempo original de outras muitas vozes.
Até quando ainda as ouviremos
entre as manhãs de maio e as tardes de dezembro?

Seremos capazes de calar o que nos dizemos com palavras, e ouvir
no coração da memória os sons daqueles tempos primeiros?
Poderemos ainda escutar o farfalhar do vento, o estrondar dos raios
e até o clarão de luz dos primeiros relâmpagos de fogo?
Saberemos ainda ouvir o batuque das chuvas

sobre as madeiras das grande florestas
e mais o alarido das aves e dos grilos no arvoredado,
o urro das onças e o quase apalavrado dos papagaios e dos macacos?

Que memória de sons de ontem
lembra o tamborim dos riachos entre pedras
e o suave rumor do fluir das águas dos rios quando em julho?
Os sons anteriores às vozes dos homens que por infinitas luas cheias
de outros tempos eram toda a sinfonia
que se ouvia por todo o sertão, então.

*Vimos pelo Urucuia. Rio meu de amor é o Urucuia. O
chapadão onde tanto boi berra. Daí os gerais, com o capim
verdeado...*

*Ar que dá açoite de movimento, o tempo-das-águas, de
chegada, trovoada, trovoando.*

*Que é que diz o farfal das folhas? Estes gerais enormes, em
ventos, danando em raios, e fúria,
o armar do trovão...*

*O flafó do vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal
de suas folha altas...*

O senhor escute o buritizal...

*Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água –
carece de espelho.*

Os dias que são passados vão indo em fila para o sertão...

*Ao que aquelas crôas de areia e as ilhas do rio, que a gente
avista e vai guardando para trás... Tonteei as alturas.*

*Antes, eu percebi a beleza daqueles pássaros, no Rio das
Velhas... O manuelzinho-da-crôa.*

Grande sertão veredas, 58/233/235/236/237

Um dia, os homens de longe

Foi quando um dia, chegados de outras terras
bem mais ao Norte do sertão
um outro diferente tipo de ser veio vindo em pequenos bandos.
Chegados de terras distantes, algumas
cobertas com o manto dos gelos,
eles eram estranhos seres de poucos pelos pelo corpo, o torso reto,
o andar ereto sobre as duas patas de trás, os pés ligeiros,
as mãos livres e hábeis carregando coisas, inventando artes,
um olhar de bicho que enxerga entre as cores tudo de um outro jeito

e a fala como nunca ouvida antes. As palavras, poucas mas diversas dos ruídos dos macacos e do uivar das onças-feras.

E eles domavam o fogo e dele não fugiam como os bichos anteriores, criavam suas chamas, sopravam as suas brasas sem temor e ao redor do fogo se assentavam como deuses, sendo homens. E colocavam sobre ele as carnes dos animais que caçavam a poder de estranhos objetos que perfuravam o corpo da caça. E entre eles – as crianças, as mulheres, os homens e os velhos - o que caçavam e colhiam, repartiam. E com isto inventaram a partilha. E alguns cantavam ao som dos primeiros tambores sob o luar da lua e como nenhum outro ser vivo antes no cerrado, no sertão, uns aos outros pintavam o rosto de cores de tintas da terra, e entre eles e elas se davam nomes, como aos rios e às serras.

Aqueles foram os primeiros homens. E com eles, pela primeira vez o sol, a lua, algumas estrelas e os rios e os lugares da vida, e os pássaros e os peixes ganharam os sonoros nomes que antes não havia.

O que hoje chamamos “comunidade”, entre aldeias de terra e palhas pela primeira vez terá existido pelas beiras dos rios, ou ao redor das veredas povoadas de buritis e de araras. Bandos de seres primeiro errantes entre gerais e chapadas, e depois construtores de lugares onde um avô morria incontáveis luas depois de ver crescerem no mesmo chão os seus netos. Ali, onde anos mais tarde os netos iam dormir em covas na terra, ao lado dos avós. Estes foram os primeiros humanos, nossos seres ancestrais de cujos nomes e feitos remotos sequer sabemos a não ser através da frágil história gravada em pedras polidas, em restos de madeiras, em alguns ossos e nos mitos da tribo.

Depois, os povos como nomes que lembramos

Quem deu a estas montanhas, às veredas, lagoas e rios, quem deu aos vegetais e aos bichos destas terras os nomes que depois colocamos em nossos povoados e cidades? Quem reabriu, depois dos povos primeiros, as trilhas que depois foram as estradas por onde passaram nossas crianças,

os nossos carros-de-bois, nossas tropas de burros, nossos passos?
Quem navegou muito antes de nós
sobre a pele verde do São Francisco
em frágeis canoas de madeiras brancas ainda sem velas e motores?
Quem deu aos lugares de agora os seus nomes primitivos:
Arassuaí, Bocaina, Caçarema, Itamirim, Ibiracatu, Guacuí,
Jaíba, Janaúba, Jequitaí, Pirapora, Pacuí, Paracatu, Pindaíbas?
Eles vieram, os povos indígenas.
herdeiros dos que chegaram do Norte,
tribos de mulheres e de homens depois desaparecidos,
ou os que em pequenas aldeias
entre cercas e farrapos ainda resistem.
Os que tiravam com as mãos o mel das abelhas nativas como eles,
e da palmeira Buriti extraíam a palma, a fruta, a madeira, a vida.
Bororo, Caiapó, Carajá, Xavante, Nambiquara, Xerente, Xacriabá
e os já extintos, e os ainda povoadores primitivos
do chão do cerrado,
os que domaram o rio e nas suas águas
pescavam os peixes que comiam,
e a que deram os nomes que até hoje repetimos.
Senhores das origens.
E antes de nós, os que amanharam essas terras vermelhas
e semearam as plantas de raízes, de frutos e de espigas
que foram depois as nossas colheitas e os nossos alimentos.

Em suas línguas hoje esquecidas terão no meio da noite pronunciado
o nome de seus deuses e outros seres do mistério e do sagrado.
E deles terão sido nestas terras as primeiras preces
e os primeiros cantos.
Sobre o chão de palhas as suas mulheres pariam a prole
de uma vida múltipla, que os mais velhos sonhavam ser eterna.
Pois como imaginar que mais tarde chegariam outros homens,
seres de pele clara, roupas escuras e armados dos trovões
que antes, apenas dos céus caíam nas manhãs de tempestades?
Dos índios nossas moças herdaram a cor dos olhos,
a dos cabelos e a da pele.
E sem saber suas línguas antigas, somos os seus herdeiros,
como a terceira ou a quinta geração do milho e da mandioca,
antes de sermos a herança dos que chegaram depois.

Os outros, nós

Outros homens um dia descobriram estas terras altas dos sertões.
E como as ondas de um mar distante, começaram a chegar.
Seres de uma outra língua, uma outra fé, outros costumes.
E eram mais claras as peles do corpo e a cor de alguns olhos.
Os pobres da terra vieram a pé, descalços sob o sol sem tréguas
ou sobre no lombo de mulas, burros e cavalos magros.
E eles guardaram a lembrança de quando
ergueram os seus primeiros povoados
na memória dos velhos que as narraram aos netos
antes de partirem.
Os cemitérios de beira-rio acolheram
os seus corpos escurecidos do sol
por anos curvados sobre a terra das barrancas, veredas e chapadas.

Aprenderam com os índios a queimar em agosto
pequenas porções do campo
e sobre as cinzas e sob a terra semeavam os grãos de feijão e milho
de que entre janeiro e março colhiam a messe e a vida.
Souberam levantar as suas casas toscas de barro e palhas de Buriti,
e em pequenas comunidades sem cercas de arames e farpas
viviam onde eram poucas as palavras que dizem: “isto é meu!”
Assentaram cruces e capelas rústicas com o nome de seus santos,
e dividiam a vida entre o trabalho árduo dos homens e das mulheres
e os raros dias de vestir o branco, rezar as novenas, cantar as folias
passar ao redor das casas e do cruzeiro o andor do padroeiro,
e compartilhar entre danças e risos a comida, a fé e a alegria.

Com as duas mãos e pequenos objetos de madeira e ferro,
de palha e barro,
souberam arrancar da terra as suas raízes
e das águas os seus peixes.
Pequenas eram as suas roças e em muito pouco elas feriam os gerais
e os pastos de seus gados magros eram terras livres do cerrado.

E vieram também homens e mulheres de pele mais escura
que a dos índios
e foram eles os negros que dos senhores escapavam e dos grilhões,
e nos sertões do Norte, sob o segredo das florestas
armaram os seus quilombos.
Com eles vieram outros cantos e deuses, e entre o silêncio e a prece

ergueram, como os brancos pobres,
as suas comunidades de vida livre.
Estes foram os povos que entre os rios e as chapadas
trouxeram aos sertões, depois dos índios,
a vida das comunidades do povo,
as comunidades tradicionais, as comunidades de vidas de partilha.
E também a eles, os pobres da terra, os sertões de dentro acolheram
como um pai que abre a casa e os braços para receber um filho.

Urubu? Um lugar, um baiano lugar, com as ruas e as igrejas, antiqüíssimo – para morarem famílias de gente. Serve meus pensamentos, serve (...) Aqui é Minas; lá já é Bahia? Estive nessas velas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente.

Grande sertão: veredas: 220

Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. Eu, isto é – Deus, por baixos permeios... Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra – baixo da ponte na Serra das Maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, tapera dum sítio dito Caramujo, atrás das fontes o Verde, o Verde que verte no Paracatu, Perto de lá tem vila grande – que se chamou Alegres – o senhor vá ver. Hoje mudou nome, mudaram. Todos os nomes vão se alterando. É em senhas. São Romão todo não se chamou primeiro Vila Risonha?

Grande sertão: veredas: 33

Saiba o senhor: população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada – homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre, com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatu! Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmos dizendo: ... nos rios”...

Rezavam, indo da miséria para a riqueza. E, pelo prazer de tomar parte no conforto da religião, acompanhamos esse até na Vila da Pedra-de-Amolar. Lá venta é da bando do poente, no tempo-das-águas, na seca, o vento vem deste rumo daqui, O cortejo dos baianos dava parecença com uma festa. No sertão, até enterro simples é festa

Grande sertão: veredas, 44

“Ossenhor utúrge, mestre. Não temos costume... Não temos costume... Que estamos resguardando essas estradas... Ossenhor é grande chefe, dando sua placença. Ossenhor é vossensenhoria? ... Mas povoado da gente é o Pubo – que traslada do brejão, ossenhor com os seus passaram perto de lá, valor distante meia-légua. As mulheres ficaram cuidando, cuidando... A gente viemos no Greminhá. Faz três dias.

Grande sertão: Veredas: 74

A invasão do poder da morte

Os senhores de terras chegaram como chegam, no alto de cavalos e armados de poderes de papel e armas de fogo.

Com eles voltou a era do fogo.

Os ricos derrubaram matas, secaram lagoas e abriram terras de fazendas

pastos sem fim no corpo dos gerais,

onde bois valiam mais do que homens.

E os que vieram do Sul, senhores de terra e de servos

inventaram o ganho e o lucro,

onde antes havia a troca e a partilha,

e as redes da ganância pescavam

em excesso os filhotes dos peixes.

E para redobrar os ganhos das lavouras,

envenenaram as águas dos rios

e quando os tantos peixes morriam e o rio murchava

chamavam as mortes que semeavam de... “progresso”.

E nos olhavam, as redes vazias, as mãos vazias,

a alma ressecada

e nos diziam do alto de suas máquinas: “vocês são o atraso”.

E lá onde por milhões de janeiros e julhos

havia por toda a parte

a resistente e colorida multiforme vida do cerrado, do sertão

salpicado de veredas verdejantes, ninhos da vida e do afeto,

eles derrubaram as árvores que guardam as águas da chuva

e entre raízes profundas as fazem descer ao coração da terra.

E mal as últimas cinzas dos fogos que acendiam,

se apagavam como lágrimas de pó sobre o chão seco,

eles semeavam nos desertos que criavam a soja e o eucalipto,

e vagando solitários senhores entre desertos verdes
de ilusória vida,
eles de longe viam as nossas pequenas roças
de milho e melancias,
de feijão, mandioca, mamão, amendoim e algodão
e da estrada nos bradavam: “o tempo de vocês já não é mais!”
E sobre e sob a terra onde nossos ancestrais
com as mãos em concha
colocavam as sementes da vida
de que se nutriam as suas vidas,
eles atiravam os pós e os líquidos de venenos sinistros
onde a imagem de uma caveira sobre dois ossos
figurava o mal que havia dentro.
Semeadores da morte, do ganho injusto,
do lucro e do deserto,
eles passavam sem parar ao lado de nossas aldeias de palhas
e nos gritavam: “o que resta de vocês
também logo vai ter fim!”
E a vida que era viva, começou a morrer a sua própria morte.

Não somos o passado, somos a Vida, agora!

Não somos o passado, o ontem, o atraso,
os que não souberam ser “progresso”
e nunca aprenderam as leis da ganância
e do mercado do mundo dos negócios.
Somos seres da vida e da partilha,
somos os que com as mãos cavam a terra
e entre os braços e não com máquinas
carregam sob o céu as espigas e os grãos.
Somos a memória de um tempo
antes do “negócio” que devorou o “agro”,
e se arvora de “agronegócio” e nos encerra
entre a cerca de seu gado e o rio de nossas vidas.

Não somos comunidades tradicionais
porque paramos num tempo antes do deserto
em que eles, senhores da pressa, transformaram o sertão.
Somos quem somos porque vivemos o tempo solidário
do trabalho amoroso com a terra, da troca e da partilha.
Somos os que estavam quando eles chegaram
com armas, artimanhas, venenos, cercas e fogos.

Habitantes de aldeias de índios, de quilombos de negros
de comunidades de brancos e de mestiços pobres,
de acampamentos de lona preta entre a cerca e a estrada,
de assentamentos de nossas lutas pela reforma agrária,
somos aqueles que desde os povoados de palhas
em que vivemos
ainda resistimos e resistiremos,
porque vivemos no que criamos
e sobrevivemos cercado pelo que ao redor de nossas casas
os senhores da terra cercam, secam e destroem.

Somos aqueles que ao contrário deles, os senhores,
sonhamos e dizemos que aqui no sertão,
no cerrado, nos gerais,
não devem ser as máquinas, a solidão dos desertos,
as famílias dos povos expulsos vagando
pelas estradas de terra
o que existe e o que deve existir em “novos tempos”.

Algo existe aqui? Perguntamos. E ante deles temos a resposta:

EXISTE É O HOMEM HUMANO – TRAVESSIA.
Grande sertão: veredas, 460

Começado na cidade de Tandil, na Argentina, em 10 de abril de 2014
Terminado em pleno Domingo da Páscoa, 20 de abril de 2014
na Rosa dos Ventos, em Caldas, no Sul de Minas.
Carlos Rodrigues Brandão

"SOMOS UMA GENTE QUE SEMEIA E CRIA"
palavras sobre as culturas
e os saberes da gente do campo

Somos uma gente que semeia e cria!
Somos os homens e as mulheres
que aram em agosto e semeiam em setembro,
o que em março o sol e a terra ofertam como fruto.
Somos uma gente da terra e cor da terra
que à noite apaga o fogo do fogão
e dorme cedo, quando se calam os passarinhos
para que antes do sol da manhã um outro dia
nos encontre de pé a caminho da roça,
com o chapéu de palha na cabeça
e a enxada polida de suor nas mãos.

Colhemos com as mãos e não com máquinas
tudo o que depois alimenta os nossos corpos
e o corpo branco das gentes da cidade.
Os que comem do que nós colhemos
e imaginam que o que é fruto de nosso trabalho
nasce pronto no mercado dos donos que enriquecem
multiplicando por quatro o valor do que sai de nossas mãos.
Nós, os que regamos a muda o que colhemos o grão
com o suor do corpo curvado sobre a terra.

A um deus de quem aprendemos a esperar o bem
mesmo quando a seca seca o rosto do sertão,
dizemos entre contas nos dedos as nossas preces
em noites de chuva e dias de sol,
em tempos de lavrar e em dias de colher.

Somos as mulheres e os homens
do campo e do mar, dos rios e das florestas
e da caatinga verde e do cerrado das águas.
Somos de onde os que chegam de longe
e buscam nas paragens onde vivemos
apenas o azul da paisagem

a beleza turista e calma do campo
e o prazer pitoresco da "roça"
passam e sequer param para nos ver de perto.
E quando nos encontram acaso na beira da estrada
eles se espantam de haver "ali",
calçados de botinas ou de alpercatas
uma gente da terra, salpicada de barro.

E alguns, pedem a nossos corpos fatigados
e tingidos da cor ocre a poder do sol
que façam uma pose de "povo pitoresco".
E nos enquadram e disparam fotos
e sequestram imagens de uma gente
a quem não perguntam o nome
e de quem nem importam a vida e o destino.
imagens de uma "gente-da-roça"
que em suas casas eles exibem aos outros
como se, entre os outros do campo,
fôssemos os mais curiosos animais do sertão.

Somos uma gente de muitos nomes:
Camponeses, Lavradores, Agricultores
Seringueiros, Extrativistas, Castanheiros
Sertanejos, Quilombolas, Caipiras
Geralistas, Chapadeiros, Beradeiros
Barranqueiros, Caiçaras, Pescadores.
Mas entre tantos nomes, somos uma gente só.
Aquele que com o trabalho dos dias e a toada da vida
arranca da terra, das árvores e das águas
como quem faz nascer a cada ano um filho,
a seiva da vida, a comida na mesa
o alimento dos dias, a fibra da roupa
a madeira da casa, o fruto e o pão.

Bem mais do que imaginam
os que longe do campo se alimentam
do fruto de nossas dores e suores,
somos aqueles que em nome
do que há de mais humano na vida
entre uma geração e a outra
aprendemos a cuidar da terra
e como ela reverdecer o mundo.

Desde quando eles chegaram, vindos de longe
resistimos ao poder do mal e dos seus terrores.
Pois somos mais uma outra geração
das gentes que depois de semearem
entre os avós e o netos e os filhos dos netos
a mesma terra, com as mesmas águas,
foram dela expulsos a poder de enganos.

E pela estrada saímos em busca do lugar
onde estamos, mas não as nossas raízes.
Lá entre terras de onde tiramos com a alma e as mãos
o milho e a mandioca, o arroz e o feijão,
os donos das terras que eram nossas
espalham agora a poder de máquina e ganância
o gado e o deserto, a soja e o desamparo,
a cana e tudo o que deixou de ser dom da terra
para ser o produto da mercadoria do dinheiro.

Mas nós, expulsos da terra e lutando por ela,
cercados entre o rio e o arame farpado,
nós, as gentes do campo, bem sabemos
o que eles não sabem ou esqueceram:
"Quando a última árvore for abatida,
quando a última terra for desertada,
quando o último fruto for colhido,
quando a última fonte for secada
quando o último peixe for comido,
os senhores da terra saberão
que o lucro não sacia a sede
e nem o dinheiro não se come".

Os saberes que aprendemos e sabemos
são bem mais do que as nossas ciências.
Ao logo dos séculos eles são a nossa sabedoria:
o saber do plantar, do criar,
do conhecer o tempo e dizer a poesia.

Entre uma geração e outra, entre homens e mulheres
partilhamos ao redor do fogão aceso,
em volta da mesa pobre de uma casa honrada

ou no círculo do trabalho enquanto se amanha a terra,
tanto o ensino do cuidar da lavoura
quanto o de tratar da safra dos filhos e das filhas.
E os nomes dos lugares e os segredos da vida,
e os ponteios da viola e os saberes dos ditos
que são a nossa cartilha e o dicionário,
e mais a memória não-escrita de quem somos
de quem viemos e de onde estamos e vivemos.

O que as gentes letradas da cidade
imaginam ser o "saber dos que nada sabem"
ou o conhecimento inútil do "caipira"
é a nossa sabedoria ancestral do campo.
Com ela alimentamos os doutores,
povoamos de bens a mesa dos maus
e falamos a um Deus que eles desconhecem,
pois a muito esqueceram o dom da troca,

a gratuidade da partilha e a vida solidária
em nome do desejo do ganho e do lucro
e, solitários, longe do amor, adoram o dinheiro.

Com a sabedoria das culturas que nossos antigos criaram
e nossos filhos recriam com os mesmos e outros gestos e nomes
perdemos a conta dos anos em que a Gente do Campo
espalha pela Terra e a terra as sementes do bem.
Trabalhamos com as nossas mãos e as nossas mentes
o corpo da terra como uma mãe de todos.
Aquele que nos acolhe como filhos
e em silêncio nos espera a cada dia,
para que com o que aprendemos e fazemos
colhamos de seu ventre a seiva da vida.
Com o que aprendemos a saber
lavramos outras culturas que não o milho e o feijão.
Juntos criamos entre rimas os nossos cantos
entre o coco, o cordel e a moda de viola,
os bois-de-janeiro, as congadas e os reisados.
E inventamos as danças que à noite
bailam os netos, as filhas e as avós.

Nossa arte ancestral é para nós o canto e a prece
de uma vida camponesa que desde um tempo
anterior ao arame da cerca, ao trator e à ceifadeira
nós sabíamos e seguimos sabendo viver,
como a prece da rezadeira, o ritual da parteira,
o dizer do curador, o cantório do cantador,
e os gestos coletivos do rito e o festar da festa.

E tudo isto e tão mais, tanto mais
é apenas a face festiva e festeira de quem somos.
Porque lá bem no fundo de nós e nossa gente
somos as mulheres e os homens
que cedo aprenderam a viver e a partilhar
a lei do amor, a ética do trabalho,
os costumes a honra e os preceitos da vida.

Somos os que sabem, sem o saber da escola
a sermos ao mesmo tempo serenos e guerreiros.
Por isso mesmo, expulsos e subjugados,
cercados no campo ou exilados na cidade
como nunca, como sempre, estamos de pé.

Estamos de pé e com os olhos no agora e no horizonte
não somente semeamos, resistimos.
Não apenas colhemos, nós lutamos.
Não apenas esperamos, nós agimos.
Porque mais do que ontem, mais do que nunca
somos uma gente da terra e do campo,
as mulheres e os homens, os jovens, adultos e velhos
que entre o milho e a mandioca semeamos também
a luta pela terra e a vida dos seres da Terra e da Vida
Como seres que sabem o saber dos que semeiam a vida,
com a sabedoria que é nossa desvendamos os segredos do tempo,
e ao olhar o vento e o vôo dos pássaros
aprendemos a conhecer os rumos do hoje e do amanhã.

Por isto, oprimidos, expulsos e explorados
somos uma gente de pé e vivemos da luta e da esperança,
pois não construímos apenas casas e nem semeamos milho.
Nós semeamos agora a lavoura do mundo de amanhã.

Nós espalhamos pela Terra a lenta e persistente luta
para que algum dia não muito longe
o mundo de todas as pessoas livres da Terra
seja a colheita da justiça, da igualdade, da liberdade
e do amor entre todos e todas, sem senhores e servos,
Em um tempo fraterno e solidário
em que o mundo inteiro venha a ser
o que foi e sonha ser o Mundo da Gente da Terra.

*Escrito a mão em um caderno, de improviso,
em Salvador, Bahia - entre 1 e 3 de setembro de 2014
durante o IV Seminário
de Educação do Campo e Contemporaneidade
Campesinato, Culturas e Educação.
Revisto precariamente em Campinas, em 5 de setembro do mesmo ano.*

UM HOMEM VESTIDO DE BRANCO

anotações de vocação poética

sobre um livro de Thomas Merton

Tomei de **homem algum é uma ilha** algumas passagens de quase todos os capítulos. Escolhi aquelas em que o olhar do autor encontro o outro. Pois o momento deste encontro foi e segue sendo o fio que de uma a uma a uma tece as páginas de **a ave que voa em mim**. Tal como em *Eu, Outro Eutro*, não escrevi poemas. Poesia é um outro vôo e está em outros livros¹. Dei ao que senti e pensei quando li a forma de um quase salmo. Melhor ainda, a forma daqueles textos dos livros ancestrais do Oriente onde a palavra sagrada é disposta em linhas que não formam parágrafos e que se sucedem como troncos de madeira, uns após os outros e que, juntos, formam uma canoa com que se sai ao alto mar. Afinal, é de palavras que querem ser como barcos navegando entre ilhas. Barcos indo e vindo, viajando de uma ilha à outra, e, bem mais do que apenas passando entre elas, barcos que as tecem enlaçando umas às outras.

Homem algum é uma ilha é um dos livros mais lidos e conhecidos de Thomas Merton, um monge cirtenciense desses alvamente vestidos de branco. Um homem norte-americano de rosto largo, cujo sorriso amplo estampado na orelha de uma nova edição do livro mais parece o de um alegre construtor de casas - ou de barco - o ou de um professor de escola de subúrbio, pai de três filhos e torcedor de algum time de futebol.

Acredito que muitas pessoas de gerações anteriores à minha, das gerações de meu tempo e mesmo, espero, das de algum tempo depois, foram e continuam sendo desafiadas pelas palavras e pelas imagens que este estranho homem escreveu.

Thomas Merton viveu quase a vida inteira dedicado a levar a termo uma difícil experiência de vocação para um cisterciense como ele, um homem de Deus convocado ao silêncio, à oração e ao sereno e solitário trabalho com as mãos. Convertido ao catolicismo, Ele foi um monge e, ao contrário de quase todos, tornou-se um monge errante. Um viajante a quem até mesmo as terras distantes do Oriente acabaram sendo costumeiras. Escreveu muitos livros. Ele foi um dos

¹ Assim como em **os nomes**, onde cada poema, conciso como em meus arremedos de hai-kais, ou um pouco mais longos, onde cada poema é o nome e cada nome é uma pessoa vivida e lembrada, lá esta o próprio Thomas Merton.

primeiros homens cristãos do Ocidente atual que se lançaram a buscar na sabedoria de religiões e de espiritualidades do Oriente rostos aparentemente tão diversos de sua própria religião que bem poderiam ser, por isto mesmo, uma outra face do cristianismo.

Foi também um primoroso sedutor de pessoas pelo poder da poesia de suas frases. Mas, mesmo sem abri mão do cuidado da forma do que escrevia, a dimensão literária dos seus livros imagino que tenha sido que menos lhe importava. Teria este homem vestido de branco vaidades semelhantes às nossas, garimpeiros nas águas fugidias da palavra em busca de frases sonoras e belas.

Meu sentimento aos ler os seus livros é o de que ele escreveu para tentar dizer com palavras sempre muita claras, mas às vezes ásperas demais, não tanto as suas idéias, as suas teorias a respeito da Vida, da Pessoa e de Deus. Ele sempre me pareceu um garimpeiro em um outro sentido. Um buscador de antigos e perenes sentidos perdidos a respeito da aventura da busca da santidade. E uma santidade em nada compreendida como a vida piegas e piedosamente milagreira com que aqui são pintadas as dos santos de almanaque. Uma vida que deveria ser só isto: a procura incansável da presença de Deus na solidão da prece ou no rosto que o amor revela no rosto da pessoa do outro. Foi bem isto o que procurei re-dizer com palavras de meu sentimento e do modo como compreendi – ou penso que compreendi – o que ele queria me dizer.

O título de cada parte equivale ao de um dos capítulos de **homem algum é uma ilha**.

Então podemos começar com a pequena passagem que inspirou o título e boa parte dos momentos do livro. E ela é a de um fragmento de um poema:

*Homem algum é uma ilha
completa em si mesma:
todo homem é um fragmento do continente,
Uma parte do oceano.
A morte de cada homem me enfraquece
porque sou parte da humanidade;
assim, nunca pergunte por quem o sino dobra:
Ele dobra por ti.
John Donne, meditação 17*

homem algum é uma ilha

Não somos menos do que seres e santos de Deus.
Por isso somos isto: humanos.
No meio do caminho entre os animais com quem compartilamos a Vida
e os anjos, com quem partilhamos a esperança
não somos menos do que seres feitos para serem santos:
e santos são aqueles que partilham o amor entre Eles e a Vida
Não habitamos menos do que o espírito do coração de Deus
porque somos os seus filhos e somos a sua perene criação.
Deus não nos criou. Deus está nos criando a cada instante
de sua humana vida sem fim e de nossas divinas vidas sem termo.
Por isso somos santos e estamos também tão distantes da santidade.
Por isso vivemos entre o amor e o medo;
entre a partilha do bem e o desamor.
O amor e do desejo do bem são o que aprendemos
a ser quando somos nós mesmos
e o medo do outro e o desamor
são o amor e o bem ainda não aprendidos em nós.
Somos inteiros a cada momento da vida
e somos ainda incompletos por inteiro.
Mulher alguma é uma ilha e homem algum é uma ilha
Nascemos para ser o caminho no mar que vai de uma ilha à outra.
Nascemos para sermos a barca em que se viaja de uma ilha a outra
e assim, realizar em cada pessoa a sua vocação de ser única e sozinha
e estar, ao mesmo tempo, unida no amor a todas as outras.
E os nossos olhos não nos revelam quem somos
a não ser quando nos vemos refletidos
no espelho dos olhos de um Outro
E é nela também que a luz do rosto de Deus se mostra a nós.
Não é fácil ser, nem é fácil viver e nem é fácil partilhar a Vida.
Viver é sempre “muito perigoso” e conviver às vezes é terrível.
Mas há de ser justamente quando a vida parece mais desesperada
Que algo entre o bicho e o anjo grita em nós: a vida tem sentido!
A Vida tem sentido e viver é a aventura de sair em busca deste sentido
mesmo quando ele pareça não existir em parte alguma.
E mesmo quando, encontrado
ele por um momento pareça ser tão absurdo.

Sentenças sobre a esperança

A esperança é a espera quando é de Deus e não de nós que se espera.

A esperança é o nome da espera,

quando Deus vive dentro dela e nela se revela..

Quando esperamos de nós mesmos, esperamos a espera.

Mas quando esperamos de Deus, com ele

ou tendo nele a razão da espera,

então é quando aprendemos a esperar a esperança.

A outra face da espera é o desespero e a outra face

da esperança é o abandono.

Quando se tem muito sempre se espera possuir ainda mais, mas

quando se tem o pouco por muito, então se deseja que este pouco

venha a ser multiplicado como um dom e não como uma posse.

Quando se quer ser muito, o que se espera

é ser sempre mais a mesma coisa.

Mas quando se entrega o ser que se deseja ser nas mãos de Deus,

então aí se vive na a esperança de se vir a ser

um alguém um pouco melhor.

Só somos livres quando passamos da espera à esperança,

mesmo quando vivemos por esperar o que podemos tornar realidade

como uma obra de nossas própria mãos e,

por isso mesmo, efêmera e ilusória.

Só somos livres de verdade se viajamos

da espera em nós à esperança em Deus.

E somente somos ricos quando convertemos em nosso coração

o desejo da posse de ganhos e de bens

no desejo das trocas do dom do bem.

Pois os bens que se espera possuir ou alcançar são o que nos possuem,

enquanto o bem da esperança deixada nas mãos dos outros e de Deus

é o que alcançamos possuir como um dom da Graça dentro de nós

e é quando é o Espírito de Deus quem nos habita e nos faz livres.

Pois então é quando chega ao tempo da viva esperança plena

que é quando não existe nada mais a querer desejar

a não ser aquilo que se alcançou ser e aquilo se aprendeu a viver

quando já não se deseja nem mesmo ser mais nada além daquilo

que deixado nas mãos da esperança, nos vem das mãos de Deus.

Consciência, liberdade e oração

Tudo o que ao sair de mim volta exclusivamente a mim volta contra mim, mesmo quando pareça ser o desejo de um bem realizado por mim mesmo em meu favor.

Toda a vez em que oro a Deus pensando somente em mim e suplicando apenas em meu favor, a minha oração é meu pecado e se Deus não ouvir, é porque eu mesmo

não soube ouvir o meu coração

antes de falar a Deus da minha espera e do meu desespero e não da minha esperança e do meu abandono em suas mãos.

Tudo o que posso pedir a Deus em minha oração

É que a vontade de Deus se cumpra em mim

tal como ele sabe e deseja - eu não sei - mas deixo que se cumpra

porque me abandonei à esperança que é uma espera de quem não sabe mas crê na sabedoria do amor daquele de onde provém todo o Bem.

Toda oração de minha consciência e de meu coração

deve começar pelo reconhecimento de que em todo o eu há um nós,

E a toda súplica feita em meu nome e a meu favor

é uma prece em nome do nós de quem sou parte.

Toda a espera de um bem devotado à minha felicidade

só irá ser tornada a minha esperança, quando estendida ao bem da comunidade de destino de que sou parte e partilha.

Posso fazer muito pouco por mim mesmo,

mesmo que espere fazer muito.

Podemos realizar bem mais, quando fazemos qualquer coisa juntos e em nome da esperança de todos nós e entre todas nós.

Deus sabe e, no fundo, nós também, que ninguém de nós

é melhor do que todos nós, do que a comunidade de nós todos.

E Deus só escuta a nossa súplica e nos doa o bem de seu amor

porque sabe que de algum modo tudo o que vem Dele a uma de nós acaba por ser de todos e sai da espera egoísta à esperança amorosa.

Uma coisa é a alegria da posse, outra, a felicidade da partilha.

E uma coisa é a independência de quem vive para si mesmo

e outra é a liberdade de quem se descobre preso no amor do outro.

Pura intenção

Posso entregar-me inteiramente aos apelos de meu coração.
E isto é bom, porque devo crer nos apelos de meu coração.
Posso seguir inteiramente os caminhos de minha consciência.
E isto também é bom, porque devo acreditar em minha mente
e devo aprender a criar em mim uma consciência confiável.
Posso dedicar-me a cumprir a vontade
de minha comunidade de destino.
E isto é bom em uma medida bem maior ainda.
Pois, de que maneira eu posso partilhar o mistério da Vida
convivendo a Vida em uma comunidade em que não creio
e seguindo os passos do caminho de um Nós em quem não confio?
Amar é não apenas querer o bem de um outro,
mas é crer confiadamente nele.
Crer no Outro, mesmo quando em seu desespero,
parece que ele próprio já não acredita em si mesmo.
Mas tudo isto é só o começo e é muito pouco ainda,
pois a origem da confiança em mim mesmo e em todos nós
é o sentimento do abandono do meu desejo
nas mãos da vontade de Deus,
a tal ponto que eu não tenha mais dúvidas
sobre o que pensar e o como agir,
pois em cada gesto de um coração
entregue ao desejo da vontade de Deus
tudo o que faço reconheço como um gesto de deus
através de meus atos.
Este é o abandono em seu sentido mais pleno
e esta é a esperança a cada dia realizada em toda a sua plenitude.

O verbo da cruz

Quando fico de pé com os pés juntos plantados sobre a terra
e quando abro os braços perpendiculares às minhas pernas
meu corpo é como uma cruz. Ele parece uma cruz viva.
Mas a imagem deste gesto entre o santo e o iogue
depende do que moveu a alma de meu corpo.
Depende dela para ser a postura do iogue ou o gesto do santo.
Se eu permanecer assim sem me mover por minutos e horas
Haverá uma dor crescente e um desconforto.
Eles poderão ser bons para o treinamento do corpo,

e por meio do sofrimento tornado uma ascese
eu posso aprender a ir além de mim mesmo.
Mas isto tudo é ainda um ato de exercício, uma ginástica,
pois somente o sofrimento tornado uma oferta
ao Deus-Homem que aceitou sofrer a dor da cruz
em nome do amor pelo nós que habita em mim
o sofrimento inevitável é também um gesto de entrega
e de consagração: e, então, quem sofre acolhe e comunga.
Pois o sofrimento aceito é como a dádiva da viúva pobre
e serve não tanto a salvar uma alma, um dia, porque isso é tão pouco,
mas para fazer sentir quem sofre a sua dor, a comunhão com Deus.

Ascetismo e sacrifício

Se você quer ser santo, aprenda antes a ser
a alma de uma pessoa alegre.
E se deseja praticar o ascetismo, saiba antes sorrir como uma criança
e a dançar com os pássaros e a cantar com as flores da manhã.
Porque fechar a janela á luz do dia para orar na escuridão do quarto
se o Deus da oração chega com a luz do dia e vive na beleza da Vida?
Pode haver santidade no sofrimento que não se consegue evitar
mas não há nada de bom na busca voluntária do sofrimento
em nome do Amor.
Quem se entrega ao Caminho do Bem caminha como quem é feliz.
Porque é feliz e o saltimbanco alegre é a sua imagem.
Enquanto quem se pune em nome do amor
encontra a culpa em lugar do amor.
Quem guia o espírito de quem procura o silêncio e a solidão
não é o seu próprio espírito, mas o misterioso alento de Deus.
Pois se é Ele quem está nos frutos maduros
da busca da solidão e do silêncio
deve ser também Ele quem
está no silêncio das raízes e no amarelo das flores.
E quem procura o silêncio do mundo e da alma
em busca apenas de proveito próprio e da perfeição-de-si-mesmo,
quando podia estar buscando a vontade de um Pai chamado Deus
e o amor do irmão chamado "qualquer Outro",
em tudo o que aprende a viver,
ainda que levite no corpo, não consegue levantar
o espírito um palmo do chão.

Toda a ascese não é um exercício para si mesmo,
mas uma entrega de si mesmo.
E não é o ato de quem foge dos outros
para ser melhor do que os outros,
mas é o gesto amoroso de quem se retira
para voltar um pouco mais atento
à comunhão com os outros e a partilha da vida entre os irmãos.

ser e agir

Quem me sacia a sede é a água e não o leito entre as margens do rio,
mesmo que a água passe e o leito permaneça.
Quem me aquece é o fogo da fogueira e não a fumaça,
mesmo que o fogo esteja na terra e a fumaça suba aos céus.
O mar é infinito, mas é o barco quem me leva
e é o vento quem navega o barco.
E eu só vejo o vento invisível nas velas infladas e na viagem do barco,
E eu só sei do vento no girar das pás do moinho,
e o pão que eu como da farinha moída na mó é o mesmo vento
que não vejo passar e mover as folhas,
e nem o moinho ou o Espírito de Deus.
Quem eu sou está no que sou de água, de fogo, de barco e de vento.
Está na realidade ora oculta, ora passageira
de quem eu sou no meu interior
e não no que eu faço e mesmo no que eu crio
entre o operário e o artista.
O espelho que reflete aos meus olhos os meus olhos me devolve
a fugaz imagem material de meu corpo, ainda que ele brilhe.
Mas eu sou, dentro dos olhos e invisível a eles, o espírito que me faz ver
e que me leva a sentir o que vejo e a pensar sobre o que eu sinto.
O que eu faço a cada instante é o leito do rio que abriga e guia a água.
O que eu crio e partilho com os seres
com quem comparto o Dom da Vida
é a água que corre entre as margens de mim mesmo.
Mas o que eu sou e não conheço ainda
é a fonte invisível de onde a água brota.
Sou o leito e sou a água e a fonte.
Mas o que é o leito sem a água e quem é a água sem a fonte?
E de onde vem a fonte de onde brota a água em mim?

Vocação

Somos únicos e somos irreplicáveis, apesar da ameaça dos clones. Cada um de nós existe enlaçado ao todo da Vida e dos Outros, mas é único e nunca se assemelha a outra pessoa, mesmo um irmão gêmeo. Não somos únicos por causa do rosto ou da equação do corpo e nem somos únicos porque pulsa em nós um coração original ou porque pensamos com uma mente e uma consciência de quem nem mesmo nós conhecemos todos os segredos. (E até nos segredos que desconhecemos e são nossos, somos únicos). Sou também único porque somente a mim é destinada uma vocação. Mais do que o rosto e o corpo, ele é minha e só eu posso vivê-la. Há um Reino de Deus e há um Mundo de Paz e de Felicidade a construir. Não vivo a minha vocação quando sacrifico o que sonho ser em nome do contra mim mesmo acho que devo ser, viver e fazer, pois nem Deus nem o meu coração fariam a mim tal convite. Pois se a minha vocação era a de um trapezista de circo e eu me tornei um próspero empresário, fui um bom empresário mas no trapezista que nunca fui esqueci uma voz de chamado. A vocação é uma resposta “sim” a um chamado único. Se eu disse “sim” e dei ao que resolvi ser a escolha de meu amor, então essa e nenhuma outra foi a minha vocação, mesmo que alguém venha dizer que eu deveria dar a volta-ao-mundo quando o desejo do chamado que escuto dentro de mim é o de dar apenas uma volta no meu bairro. Pois um bairro bem viajado é do tamanho do mundo.

A medida da caridade

Como o amor, a caridade é inesgotável
E a Caridade é o rosto de mulher do Amor.
Meus bens, meu nome, meus talentos
Tudo o que possuo recebi de outros:
de Deus, minha Mãe e de meu Pai,
de meus amigos, e dos meus Desconhecidos.
Por isso tudo o que eu digo: “é meu”, é antes um dom de Outros
Veio deles, é devido a eles, é deles e a eles deve retornar.
Esta é a medida da lei da caridade: nada meu é meu

e tudo o que há e por um momento cai sob a minha guarda
só tem um valor quando passa do círculo da posse e da propriedade
ao circuito da dádiva e do dom.

Só possuo aquilo que estou disposto a perder,
e só é verdadeiramente meu o que não tenho:
a começar por mim mesmo, pelos minutos de meu tempo
e pela vida que me foi dada para eu aprender a vivê-la
como quem é tão livre
que sabe que nem de sua vida é um dono, mas um viajante.

Sinceridade

O Mahatma Gandhi, sobre quem Thomas Merton
escreveu páginas de uma rara e amorosa
falava assim: “para mim, dizer que Deus é a Verdade
ou que a Verdade é Deus, é a mesma coisa”.

Misericórdia

Se eu pudesse entregar sem tréguas a minha vida
ao abandono do amor de Deus
eu aprenderia a sentir em cada pulsar do coração
a presença de sua misericórdia.
Deus não me ama à distância: ele cuida de mim a cada passo,
mesmo quando alguns passos são tropeços
e outros são dados na beira de um abismo.
Deus vela por mim como um pai
ao lado da cama do filho de dois meses.
Se eu pudesse sentir sem tréguas a misericórdia de Deus
em cada um dos dias de meus passos
eu me abandonaria à minha própria misericórdia.
Todas as coisas, tudo o que existe, cada ser, cada ave,
cada árvore, cada velho maltrapilho no meio da multidão
haveria de ser uma pessoa a quem eu devo um amor
tão presente como o de um pai à
beira da cama de um filho de dois meses.

Recolhimento

Há um momento em que eu faço tudo o que tenho que fazer.
Há um momento em que eu cumpro tudo o que tenho a cumprir.
Há um momento em que eu partilho tudo o que devo partilhar.
Mas há um momento em que eu não faço nada do que devo fazer.
E então é quando eu me recolho ao redor de quem eu sou
e ouvindo a voz silenciosa de um eu que nada diz,
e nada pede, e nada espera, e nada realiza, e não age e não espera
e não ser no deixar-se abandonado ao que acontece
quando se deixa de esperar que qualquer coisa aconteça,
eu começo a aprender a descobrir a silenciosa
e sonora presença de um Deus dentro de mim.

O Espírito sopra onde quer

Esta gente tropeira
e atrapalhada
Pensa que Deus
se escuta num tropel.
Pensa que Deus nos fala
num rumor.
Ontem eu ouvi,
ele passou por mim
no vagar de uma brisa
que não movia um capim
e nem uma flor.

a solidão interior

Uma vez, me lembro bem, era no Rio de Janeiro, onde nasci. Eu vinha no Bonde 10 – Gávea, a caminho de meu colégio na Praia de Botafogo. Vinha com um amigo de rua, de bonde e de colégio. Vínhamos conversando nesses momentos “antes da escola” que só não são mais felizes do que os momentos “depois da escola”. Em um ponto de bonde adiante entraram dois homens. Vinham juntos, entraram juntos e se sentaram juntos, um lado do outro. Viajaram adiante de nós, no banco da frente, e vieram toda a viagem sem se falarem coisa alguma. Tinham – dava bem pra se

ver – um carinhoso olhar um para o outro. Mas nada não diziam um ao outro, a viagem toda.

Quando saltamos, meu amigo de rua, de bonde e de colégio, falador como eu, mas mais atento à alma dos outros do que eu, me disse assim:

“aqueles dois deviam ser muito amigos um do outro. Pois só dois amigos que se querem muito são capazes de viajar tanto tempo lado a lado sem dizerem nada um pro outro”.

O silêncio

Thomas Merton começa este último capítulo do *Homem algum é uma Ilha*, assim:

A chuva cessa, e o canto puro de um pássaro anuncia de repente, a diferença entre o céu e o inferno.

Lembrando o quanto ele foi sempre amoroso com as tradições espirituais e religiosas do Oriente, eu quero terminar este nosso ritual ao redor de seus pensamentos com um pequeno conto da tradição budista zen do Japão. Ele é assim:

Apenas uma vez ao ano um velho mestre sábio recebia em seu mosteiro os seus discípulos, esparramados por todo o Japão. E uma vez ao ano ele lhes dizia o que tinha na mente e no coração.

Houve uma vez que todos já estavam reunidos no local do encontro com o Mestre, sentados em almofadas de pano e em esteiras, à espera do que o velho sábio teria a dizer.

Então ele entrou na sala do mosteiro. Trazia uns papéis que iria mostrar ou ler. Saudou a todos, sentou em sua esteira e ia abrindo um primeiro rolo de escritos e de desenhos, quando lá fora um passarinho cantou.

Ele ouviu atento até o final. Então reuniu de novo os seus papéis, levantou-se, saudou como quem se despede os seus discípulos e disse:

“Tudo o que eu tinha para dizer a vocês acaba de ser dito”.

E foi embora.

Despedida

Pronto, podemos terminar. Podemos terminar este nosso pequeno ritual com uma leitura do mestre Eckart

Eu sou. Isso significa, inicialmente, que Deus é seu Ser-Ele, que só Deus é, porque todas as coisas são em Deus e por Ele. Fora d'Ele e sem Ele, nada é em verdade, todas as criaturas são relativas e puro nada em relação a Deus, pois só Deus é, em verdade. E, assim, a expressão "Eu Sou" designa o Ser-Ele (Isticheit) da verdade divina, porque é o testemunho de um Ele É. É a prova de que só Ele É... "Eu Sou" quer dizer que não existe a separação entre Deus e todas as coisas, porque Deus está em todas as coisas; Ele lhes é mais íntimo do que elas são com elas mesmas.

Do Mestre Eckart, tomado nas páginas 104 e 105 do livro O Absurdo e a Graça, de Jean-Yves Leloup, editado pela VERUS em 2003.

